UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI

Beatriz Duranzi
Giovanna Macedo
Henrique Monetta
Juliane Moreti
Leonardo Almeida

Risadas necessárias: o papel do stand-up no questionamento de temas sociais

SÃO PAULO
2023

Beatriz Duranzi
Giovanna Macedo
Henrique Monetta
Juliane Moreti
Leonardo Almeida

Risadas necessárias: o papel do stand-up no questionamento de temas sociais

Relatório final da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Sofia Franco Guilherme

SÃO PAULO
2023

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO 3

2. POR QUE A PIADA TEM QUE SER POLITICAMENTE CORRETA? UMA ANÁLISE SOBRE O “NOVO” HUMOR 4

3. A EXPANSÃO DO ESPETÁCULO STAND-UP EM MEIOS DIGITAIS: QUAIS AS INFLUÊNCIAS? 18

4. FESTIVAL HUMORAMA: HUMOR NA ERA DO TIKTOK 27

5. FESTIVAL DAS MAMACITAS E A SUA IMPORTÂNCIA NO ÂMBITO HUMORÍSTICO 37

6. HUMOR E RELIGIÃO, PODE OU NÃO: JONATHAN NEMER E A CRÍTICA AOS EVANGÉLICOS.... 49

7. ESPECIAL MULTIMÍDIA: RISADAS NECESSÁRIAS 63

1. APRESENTAÇÃO

Neste relatório apresenta-se os artigos produzidos individualmente pelos integrantes do grupo no 7º semestre, na disciplina Reportagens Especiais. Procurou-se reunir informações e problemáticas acerca do tema escolhido, para assim executar o projeto de conclusão de curso.

Este grupo optou por adentrar o universo da comédia, especificamente no formato stand-up, buscando refletir sobre o papel do humor além do entretenimento, mas como uma plataforma para levar assuntos relevantes da sociedade ao seu público, compartilhando de uma das características que o jornalismo detém: a função social de informar e produzir um senso crítico nos espectadores.

Desse modo, para apresentar o projeto “Risadas necessárias: o papel do stand-up no questionamento de temas sociais”, o grupo optou pelo formato de especial multimídia, levando em conta a abrangência de recursos disponíveis nesse tipo de produto para levar a informação de forma interativa e dinâmica.

Por fim, nos artigos aqui compilados, cada integrante procurou analisar como o gênero comédia colabora na conscientização sobre questões sociais, ou para reforçar noções ultrapassadas dos mesmos assuntos, e como isso pode mudar a percepção pública dessas questões, abordando o uso do politicamente incorreto nas apresentações, a expansão do humor nos meios digitais e a diversidade encontrada no stand-up, seja do público que assiste, seja do próprio humorista que faz o show.

Ao fim deste documento, disponibiliza-se o link do projeto no qual é possível acessar o site, ler as reportagens e ver de forma dinâmica a pesquisa do grupo ganhar vida.

2. POR QUE A PIADA TEM QUE SER POLITICAMENTE CORRETA? UMA ANÁLISE SOBRE O "NOVO" HUMOR

Beatriz Duranzi[1]

Resumo

O presente artigo pretende questionar o papel do politicamente correto no humor dos dias atuais, além de analisar e entender a trajetória do humorista e como o "novo" humor é afetado pela opinião pública. Para isso, vamos entender melhor o conceito por trás do riso e humor, além de noções acerca do politicamente correto e incorreto e como tudo isso se encaixa durante a análise do discurso cômico.

Palavras-chave: comédia, humor, politicamente correto, politicamente incorreto, discurso.

INTRODUÇÃO

"Eu assisti Emancipação só para ver o Will Smith ser chicoteado". Esta frase, recitada pelo humorista norte-americano Chris Rock durante seu especial de stand-up reproduzido pela Netflix em março de 2023, faz referência ao filme de 2022 no qual o ator vencedor do Oscar interpretava um escravo – este também foi o motivo do meu interesse pelo discurso cômico. Seguida por risos e aplausos, a frase me despertou dois questionamentos: Qual a graça disto e por que alguém acharia isso engraçado?

O discurso humorístico está diretamente ligado às relações sociais e, desde seu surgimento na Grécia Antiga, reforçou/reforça discuros pejorativos e, muitas vezes, discriminatórios. Então, nos últimos sete anos com a chegada de conceitos relacionados à consciência social, questionamentos éticos rondam a prática do humor, como: quando uma piada vira ofensa? Existe limite na comédia? O humor que não ofende (ou tenta não ofender) tem graça?

O objetivo central deste trabalho é apresentar uma análise sobre o humor politicamente correto e incorreto passando pelo processo de transformação humorística conhecido como o "novo humor". Ademais, como objetivo específico, pretende-se estudar as manifestações sociais no humor atual identificando como

[1] Estudante do 8º semestre do curso Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Anhembi Morumbi (UAM). E-mail: biaduranzi@yahoo.com.br.

o seu discurso executa discriminação, buscando entender se essa forma de fazer piada pode ser ofensiva ou pejorativa.

CONTEXTO HISTÓRICO

A comédia, junto ao trágico, surgiu na Grécia Antiga em cultos a Dionísio, o deus do vinho; em rituais e festas com danças, encenações e máscaras. Assim, o discurso humorístico começou a ganhar corpo por meio do cotidiano, satirizando acontecimentos trágicos em festas populares, em busca de risos e diversão, começando gradativamente a depender da relevância social. Trocadilhos, piadas e pequenas peças satíricas marcaram o início da comédia até o desenvolvimento e a consolidação das peças teatrais, as famosas comédias gregas.

O ato de rir, até então, é uma peculiaridade remetida aos deuses, como é observado adiante, na seguinte citação: “O riso, nos mitos gregos, só é verdadeiramente alegre para os deuses. Nos homens, nunca é alegria pura; a morte sempre está por perto, e essa intuição do nada, sobre o qual todos estamos suspensos, contamina o riso” (MINOIS, 2003, p. 27).

No entanto, com o passar do tempo e com o assentamento do teatro trágico e cômico, é possível inferir que, naquele período, a comédia (humor) não tinha tanto espaço e credibilidade quanto a tragédia enquanto arte. Nesse mesmo período, a função da comédia era entreter, reforçando à ideia de festividade, diferente das tragédias, que tinham o objetivo de provocar emoções fortes e conflitantes no público. Portanto, as manifestações cômicas do período eram de caráter popular e se diferenciavam das tragédias, tanto sob a ideia formal de estrutura cênica, quanto de temas e objetivos.

Já durante a Idade Média, os teatros cômicos ganharam um tom mais questionador e, ao mesmo tempo estereotipado, com a solidificação das sátiras, que tinham fortes temáticas sociais, permeadas de ironias sobre o mundo cotidiano e das necessidades naturais. Vale salientar o caráter popularesco das comédias e as “ideologias antagônicas” existentes à época, por exemplo, a Igreja e o Estado em contraste com o mundo real, o dia a dia das pessoas.

Durante o Renascimento as fronteiras do oficial e não oficial deixam de existir e o riso e as línguas vulgares são adotadas na literatura. Esse período

marca uma mudança na história do riso que passa a ser incorporado à grande literatura e é concebido como uma forma de exprimir a verdade sobre o homem e sobre o mundo. O riso “é visto como uma forma universal de concepção do mundo” (REINACH apud BAKHTIN, 1987, p. 57).

Exemplos desse período datam da virada do século XV para o XVI quando surgem dois grandes nomes que abordam o tem: Erasmo de Rotterdam, com seu famoso Elogio à loucura, e Rabelais, com Pantagruel e Gargântua. Na segunda metade do século XVI, Cervantes escreve sua célebre obra Don Quixote, o cavaleiro da triste figura, e Shakespeare escreve 14 comédias.

Já no presente momento da pós-modernidade, o humor, antes marginalizado e visto em grau de inferioridade em desvantagem de outras manifestações, pode ser entendido como um gênero que atua em vários campos, desde a comédia de cinema e teatro até os memes, podendo ser dividido inclusive pelo próprio público.

Nesta seção exploramos as mudanças de tom e características acerca da comedia que assinalam transformações do humor e evidenciam como esse gênero se adequa aos períodos, à sociedade e aos contextos, além de mostrar o viés questionador da sociedade presente no discurso cômico como uma tendência temática recorrente.

Na Idade Média, por exemplo, o discurso de humor era, muitas vezes, de afronta aos valores religiosos, satirizando os hábitos e costumes da época. Hoje, o discurso humorístico tenta ser mais brando, menos apelativo, ácido e permeado de preconceitos, essa é a nova tendência.

O viés questionador da sociedade acerca do humor está vivo, sobretudo, de dentro para fora, questionando ao mesmo tempo sua prática e revendo seu discurso e consequentemente seus valores como sociedade, a política, o cotidiano e relações humanas, rompendo com valores e representações sociais de situações discriminatórias, que antes eram perpetuadas sem preocupação.

O CONCEITO POR TRÁS DO RISO E HUMOR

Apesar de serem intercambiáveis na linguagem cotidiana, o estudo do humor, do riso e da comédia exige maior precisão conceitual. De origem latina, a palavra humor significava, originalmente, líquido ou fluido. Para a medicina da

Antiguidade Clássica, tanto a saúde quanto o estado emocional dependiam do equilíbrio entre os quatro humores corporais.

Com o passar dos séculos, a teoria dos humores caiu em desuso na medicina, mas ela continuou a ser usada popularmente para explicar as variações emocionais do indivíduo. Por isso, como destaca o sociólogo português Nuno Jerónimo (2015, p. 66) em sua tese de doutorado, até hoje as "[...] expressões mau-humor ou mal-humorado não são utilizadas para fazer referências a alguém que diz más piadas, mas sim a quem se apresenta num estado emocional indesejável".

Dessa forma, como o riso seria causado por um estado alterado dos humores, o vocábulo deixou de ser médico e passou a designar a emoção cômica que se expressa através do riso. Para o sociólogo, considera-se humor: "quaisquer eventos ou formulações discursivas, intencionadas ou inadvertidas, que provoquem experiências cognitivas culturalmente partilhadas capazes de suscitar o riso e providenciar divertimento" (JERÓNIMO, 2015, p. 67).

Piadas, portanto, são as mensagens capazes de fazer rir tanto quem as fala quanto quem as ouve. Isso pode ser feito de diversas formas e estilos. Do humor físico ao espirituoso, o discurso cômico passa a ser visto como uma ferramenta em forma de linguagem.

Por último, mas não menos importante, o mais evidente entre os conceitos em questão é o riso, que, para Jerónimo (2015, p. 63), é uma "[...] manifestação biológica visível, mas com contornos cognitivos e sociais invisíveis".

O sociólogo faz um breve panorama histórico do riso, demonstrando como ele nem sempre foi bem-visto. Na Antiguidade judaico-cristã o ato de rir era moralmente condenado, como se vê em várias passagens bíblicas. Entre os antigos gregos encontra-se uma postura semelhante: Platão sugeria que as pessoas não deviam rir muito, pois via o riso como expressão da falta de autocontrole.

Enquanto os romanos tinham uma postura mais positiva diante do riso, considerando-o, inclusive, uma forma de moralizar os costumes. A partir do Renascimento e, sobretudo, do Iluminismo, a concepção latina sobre o riso volta a ganhar força. Segundo Jerónimo (2015, p. 65) "[...] o riso pode ser uma chave interpretativa do sucesso da negociação do contrato social do humor." Sendo

assim um sinal de consentimento ou aprovação por parte de quem ri. Se o humor é um jogo, o riso é a manifestação de reconhecimento desse jogo e de suas regras.

Já o humor sempre esteve presente na sociedade; seu discurso, às vezes, pode parecer “inocente” em um simples jogo de palavras, por exemplo, ou dotado de forte natureza ideológica em determinados contextos. Isso pode ser dito, porque o humor (um texto que faz algum tipo de graça) é uma prática social usual, é capaz de surgir de modo espontâneo em uma conversa, é parte da condição humana, e além de ser algo divertido, em sua essência, é uma emoção, um estado afetivo.

> A palavra humor não era usada com o sentido contemporâneo de divertido ou engraçado até o século XVIII. Etimologicamente, a palavra deriva do vocábulo humor, que em latim significa líquido ou fluido. Na tradição da Antiguidade Clássica, o bem-estar dependia do equilíbrio dos quatro fluidos no corpo humano, o sangue, a fleuma, a bílis amarela e a bílis negra. Desta forma, os traços de personalidade estariam diretamente relacionados com os desequilíbrios dos fluidos. Os indivíduos, conforme o fluido preponderante no corpo, poderia apresentar um dos quatro estados emocionais, sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico, correspondentes aos humores acima indicados. (JERÓNIMO, 2015, p. 66)

A PIADA POLITICAMENTE CORRETA ATRAPALHA O HUMOR?

Retomar o debate acerca do politicamente correto no âmbito do humor sempre parece desgastante e, na maior parte das vezes, revisita um assunto já esgotado. Mas esse não parecer ser o caso em vista a intervenção de intelectuais da área na esfera pública.

Diretamente ligado à ideia de politicamente correto, os direitos humanos surgiram no fim do século XVIII, junto com a Revolução Francesa, e encontraram seu berço na Inglaterra e no povo inglês que, apesar de não afirmarem ser portadores desses ideais, "reconhecimento das liberdades era lá, e lá permanece, muito estreitamente vinculado à história do povo inglês e a seu empirismo" (MORANGE, 2004, p. 5).

A Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão de 1789 aconteceu após a declaração americana, porém somente a francesa teve um alcance universal, isso se explica em virtude da França, no final do século XXVIII ser a

"primeira potência política "ocidental" por razões demográficas, econômicas e culturais” (MORANGE, 2004, p. 8).

No início do século XX os direitos humanos foram duramente criticados e a noção de politicamente correto foi praticamente extinta. No entanto, em 2004, a Secretaria Especial de Direitos Humanos lançou um documento oficial do Governo Federal “Politicamente correto e direitos humanos”, reacendendo um assunto polêmico a muito não discutido.

Na sua apresentação, a cartilha do politicamente correto (como passou a ser conhecido) propõe-se a chamar a atenção da sociedade para uma série de expressões que, embora de uso corriqueiro, destilam preconceitos, sem que necessariamente tomemos consciência disso. São comentadas noventa e seis expressões ao longo do texto, dentre elas: anão, beata, denegrir, funcionário público, judiar e vadia. A fim de mostrar ao leitor o modo como procede o documento, citamos um exemplo: "a coisa ficou preta – a frase é utilizada para expressar o aumento das dificuldades de determinada situação, traindo forte conotação racista contra os negros" (QUEIROZ, 2004).

Apesar de pretender visar o bem-estar da sociedade e contribuir para a construção de uma cultura de direitos humanos no país, a cartilha é duramente criticada por escritores, acadêmicos, imprensa e, inclusive, por setores do Governo, vindo a ter sua distribuição suspensa, levantando o questionamento: afinal, qual o problema do politicamente correto?

Do ponto de vista do humorista Fábio Porchat, referência do gênero no Brasil, o politicamente correto surge como uma forma de pensar no risível e a piada acontecer com mais propriedade. "Do mesmo lugar que sai piada boa, sai piada ruim. Eu só vou saber quando alguém me falar. O politicamente correto é bom por isso, faz a gente parar para pensar" (PORCHAT, 2017).

O politicamente correto é designado como um termo que visa o discurso não ofensivo para minorias sociais, de modo que o discursando tenha cautela sobre o que dizer e como dizer, por isso é muito relevante no mundo atual, principalmente, no campo do humor e sua prática discursiva.

Em A linguagem politicamente correta e análise do discurso, o professor Sírio Possenti (2018) discorre sobre o caráter de reprovação do riso e que, para ser engraçado, pode existir uma ausência de compaixão por parte do ouvinte. O ato de rir pode estar diretamente ligado à indelicadeza, a depender da situação.

Isso mostra que o riso pode estar ligado à preservação do bem-estar próprio e a apreciação do mal-estar alheio.

Pensando assim, partimos do princípio de que o risível está diretamente ligado ao pertencer coletivo. Henri Bergson, autor do livro O Riso, parte do princípio de que ninguém ri sozinho: “Nosso riso, é sempre um riso de um grupo” (2007, p. 5), ou seja, é na sociedade que se acha a “essência” do risível, ele só é cômico graças ao seu contexto social. Ou seja, para que se ria, é necessário que o coletivo compartilhe de determinados valores. O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum, de modo a ter uma significação social.

NOÇÕES SOBRE O POLITICAMENTE INCORRETO

O *Guia do Politicamente Incorreto da História do Brasil* publicado em 2009 pelo jornalista Leandro Narloch, abriu a porta para o lançamento de vários outros “guias” politicamente incorretos que inundaram as prateleiras, todas com a proposta de desmitificar o que a história oficial conta a respeito de fatos e heróis universalmente reconhecidos. É o politicamente incorreto usado novamente como sinônimo de transgressão, de coragem de falar o que se varre para debaixo do tapete.

A ideia de politicamente incorreto surge concomitantemente e em contraposição ao estabelecimento do discurso e ideais de politicamente correto, conforme delineado no tópico anterior. Não é precisamente exato quando e onde tal prática discursiva emergiu, embora haja certo consenso que fora consequência da organização dos movimentos sociais ocorrida em meados da década de 1960 nos Estados Unidos, o que possibilitou uma maior polifonia de vozes na esfera pública e questionamentos acerca de como as desigualdades são propagadas, sobretudo, no campo da linguagem e dos discursos.

Com o passar das décadas, a perspectiva de que o politicamente correto passou a se tratar de algo de efeito destrutivo, patrocinado pelas chamadas minorias e que visa apenas promover aprisionamentos ao pensamento e à linguagem, bem como uma forma invertida de opressão aos dominantes, ganhou força – Wilson (1995) chama isso de o “mito do politicamente correto”, o qual fora urdido e difundido com sucesso pelos conservadores através da mídia e, posteriormente, se instalou no entendimento geral e popular.

Para o humorista Danilo Gentilli, o “politicamente incorreto é o que tenta dominar o que se fala, o que se pensa e até o que se pode rir e o que não se pode rir. É o status quo atual”. O apresentador não se arrepende de suas palavras. Ele, junto do ex-sócio Rafinha Bastos (ambos considerados precursores do stand-up no Brasil), se autodenominam politicamente incorretos com orgulho, compõem uma lista extensa de humoristas envolvidos em polêmicas por conta de suas piadas.

No documentário *O Riso dos Outros* (2012), o diretor Pedro Arantes dá voz a esse debate. Com o intuito de incitar a reflexão proposta nesta seção, vamos destacar alguns pontos apresentados no projeto. Laerte observa no documentário que o humor envolve certa dose de crueldade. Pensando assim, sempre haverá alguém ofendido por uma piada. Porém, o cartunista ressalva: “a questão é como essa ofensa é negociada historicamente” (LAERTE, 2012).

“Negro não consegue achar emprego, mas na época da escravidão já nascia empregado e também achava ruim” (LINS, 2022). O comentário feito pelo humorista Léo Lins em seu especial de comédia em 2022 voltou a repercutir um ano mais tarde e chegou a ser retirado do ar em maio de 2023. Impedido de voltar a insultar minorias, e até de sair da cidade de São Paulo sem uma ordem judicial, o comediante recebeu apoio de outros disseminadores do discurso cômico que acusaram a situação como censura.

Em *O Riso dos Outros*, Rafinha Bastos afirma que “a censura está de volta e que não lhe interessa teorizar acerca da função social do humor.” Já a comediante Marcela Leal estabelece que “não tem que ser responsabilizada pelo que fala, pois sua função é apenas divertir.”

No momento atual, o mundo vivencia um contraponto social diretamente ligado à polarização onde, por um lado, temos aqueles que reconhecem que a liberdade de expressão, em alguns casos, é limitada e as relações sociais devem ser respeitadas; de outro lado, o forte conservadorismo guarda em si o ideal de censura e não se conforma com a ideia de repensar e questionar o discurso.

Dessa forma, sendo o humor uma prática social que reflete uma sociedade, o que aqui foi falado acerca do politicamente correto e incorreto pode ser verificado nas produções artísticas e na opinião do público. O conhecido hoje como “novo humor” é uma representação clara de como incorporar o politicamente correto e ainda sofrer fortes críticas ao se deparar com

questionamentos que rondam seu desempenho e deve ser analisado na próxima seção.

ANÁLISE DO DISCURSO CÔMICO

Nesta seção vamos analisar o discurso cômico e como o “novo humor” se manifesta no risível nos últimos 5 anos. Tendendo para o politicamente correto, a nova prática de fazer humor ainda pode ser considerada como ofensiva e discriminatória, pensando nisso, essa seção vai buscar entender como ele se reafirma e se distancia do politicamente incorreto.

O primeiro texto em análise é do show de stand-up do comediante Danilo Gentili, considerado um dos precursores do gênero e grande defensor do politicamente incorreto. O trecho analisado foi transcrito de seu stand-up Politicamente Incorreto 2018 e tem como contexto as eleições de 2018.

> Eu amo Curitiba, Curitiba é a minha segunda casa. E a do Lula também [risos]. Curitiba foi a primeira cidade que aprendeu a reciclar, e vocês prenderam o Lula [aplausos]. Vocês sempre souberam o que fazer com o lixo [risos]. […] Eu tenho muito a ver com o Boulos, porque eu falo que quero ser presidente e eles falam ‘você vai ter zero por cento de votos, seu merda [risos]. […] O que eu mais tenho a ver é o Lula, eu também venho do ABC, eu também falo português errado e eu também morri de rir da cara da Manuela D’Avila quando ela achou que sairia candidata [risos]. (GENTILI, 2018)

Perceba que duas coisas acontecem nesta passagem. O autor recorre a acontecimentos polêmicos e reais ocorridos antes e durante o período de eleição, como é o caso da menção a prisão do então ex-presidente Lula pelo caso do triplex do Guarujá. E o comportamento machista ao deliberadamente se distanciar da imagem feminina e se colocar na posição de outro homem para ofendê-la.

Além disso são perceptíveis as comparações feitas ao longo de todo o seu texto Politicamente Incorreto 2018; e essas relações de comparações podem ser identificadas pela sua escolha de vocabulário com a seleção de expressões e palavras que possuem o valor de comparação como “tenho muito a ver com”, “igual a”, entre outras.

A utilização de palavras com sentido pejorativo como “viado”, “merda”, “bosta” também é bem evidenciada sendo seguidas de perto com termos

comparativos. Essa comparação pode ser também uma estratégia para evitar as críticas: afirmo que esse indivíduo é um bosta ou um viado, mas, ao mesmo tempo, também afirmo que eu sou bosta ou viado, logo a crítica perderia força.

No trecho a seguir, ainda de Danilo Gentili, a análise se dedica em como o humorista cita o polêmico episódio que foi a discussão de Bolsonaro e Maria do Rosário, onde o político respondeu a um processo por ofensas à deputada quando ele afirmou que Maria do Rosário não merecia ser estuprada por ser "muito feia", com uma piada.

> Mas eu confesso que muitas vezes eu não gosto assim, o Bolsonaro fala muita coisa que eu não concordo, que eu acho que ele tá falando bosta, muita coisa que o Bolsonaro fala eu não concordo, por exemplo, aquela vez lá que ele falou pra Maria do Rosário que ela não merece ser estuprada, não concordo com isso, merece [risos e aplausos]. Vocês não deviam aplaudir, não aplaudam, cês não deviam aplaudir isso, eu nem acho que ela merece ser estuprada, eu só tô brincando. (GENTILI, 2018)

Neste trecho, Danilo Gentili faz um comparativo com Bolsonaro refutando uma fala perturbadora e machista do então presidente com uma fala tão perturbadora e machista quanto. Aqui, o humorista mostra não se preocupar em incitar uma prática violenta que assola a sociedade e principalmente as mulheres, mostrando mais uma vez que as considera seres inferiores.

Seguido de risos e aplausos por parte de seu público, o comediante tenta justificar seu discurso problemático com um alívio cômico e o conhecido: "eu tô só brincando". No entanto, é importante lembrar que o humor é uma prática social carregada de valores, ideologias, crenças etc., e "[...] piadas racistas e machistas, por exemplo, divulgam e, por isso, incentivam e fortalecem discursos e comportamentos preconceituosos" (POSSENTI, 2018, p. 29).

Nesse sentido, uma piada com forte teor machista e de violência contra a mulher, mesmo que, realmente, não tenha a intenção de incentivar o ato cruel, possui valor de perpetuação de comportamentos e valida discursos de quem pensa da mesma maneira. Uma preocupação que deve ser levada a sério em especial se levar em consideração os aplausos de aprovação da plateia.

Agora, o discurso em análise é do programa Choque de Cultura que é produzido pela TV Quase, é um sucesso do Youtube e atualmente é exibido também na Rede Globo. O Choque de Cultura é um programa que tem como

temática cinema e cultura popular, e os personagens do programa são motoristas de vans que conversam sobre filmes específicos, cada episódio é sobre um filme ou uma série de televisão.

Choque de Cultura, diferentemente de Danilo Gentili, não faz um humor declaradamente politicamente incorreto, o grupo de comédia, todavia, divide opiniões sobre seu tipo de humor e é, por grande parte de seu público e de outros comediantes, considerado parte do “novo humor”; não por se enquadrar no politicamente correto, porque não se enquadra, mas por ser um programa que dialoga com o social e que não costuma demonstrar ofensas diretas a minorias sociais.

O diálogo a seguir foi transcrito do episódio do Choque de Cultura de Natal sobre a série *Game Of Thrones*, intitulado *A Série Mais Natalina Que Tem*.

> Maurílio: Esses aí são os Wolfwalkers, Rogerinho. Idosos com frio, revoltados contra a reforma da previdência.
> Julinho: Mas todo idoso tá sempre com frio e revoltado com a reforma da previdência.
> Renan: Mais um da série de pleonasmos de Maurílio. Esses daí são idosos que são colocados a frente no exército, porque já tão habituados com a ideia de morrer primeiro.
> Rogerinho: Pô, mas tudo é prioridade pra idoso agora? Errado o exército! (CHOQUE DE CULTURA, 2018)

Neste trecho os personagens estão falando sobre os vilões da série Game Of Thrones que alguns deles não sabiam quem eram. No intuito de explicar aos companheiros, Maurílio utiliza de recursos absurdos no seu texto para fazer humor e ainda dialogar com a sociedade.

Os personagens não só comparam as figuras de gelo da série com idosos, o que por si só já é absurdo, mas ainda fazem uma “crítica” sobre as leis preferenciais às pessoas com mais de 60 anos e tocam em um assunto muito presente na sociedade e no dia a dia do público. Entretanto, há uma diferença de efeitos desse discurso e o discurso de Gentili acerca da analogia com Lula e Manuela D’Avila.

A fala de Rogerinho, o personagem que menciona a prioridade aos idosos, aborda uma questão social pertinente, mas de forma contrária ao que é estabelecido no meio social, isto é, atualmente, é praticamente unânime que o Estatuto da Pessoa Idosa é a lei. De fato, o mais ‘comum’ é encontrar pessoas que defendem essas normas.

Portanto, ao falar algo como o que o Rogerinho disse, contrário a um pensamento bem estruturado e seguido pela maioria, acaba por não fortalecer um pensamento conflituoso historicamente construído e pode não surtir um efeito problemático nas pessoas, até por ser uma afirmação tida como insensata, mesmo tendo o poder como prática social de modificar relações.

Já no discurso de Danilo Gentili, ao comparar Manuela D'Avila com Lula, o autor utiliza uma relação desigual entre o homem e a mulher, afirmando uma relação conflituosa historicamente estruturada que é o machismo, em que a mulher se encontra em grau de inferioridade em detrimento do homem, para fazer uma piada, podendo surtir um efeito mais negativo na sociedade, pelo motivo de perpetuar uma relação que representa problemas graves na sociedade, ainda que, muitas vezes, velados.

O Choque de Cultura adota um discurso contrário àquilo que é esperado. Não opera com o politicamente correto, até porque não se deve incentivar maus tratos aos idosos, mas o programa também não opera com um discurso ofensivo e pejorativo com as minorias.

Nota-se então que o grupo, por meio de textos absurdos, consegue satirizar o politicamente correto e ainda apontar mudanças sociais.

> Rogerinho: Mas Jesus era de esquerda ou de direita? Maurílio: Jesus era cristão, então é de direita.
> Julinho: É, mas ele foi torturado e morto pela polícia então ele é de esquerda Renan: BANDIDO! Então ele era bandido.
> Rogerinho: Bom, se Jesus era bandido, então ele tá fora, porque bandido não tem direito nenhum, infelizmente.
> (CHOQUE DE CULTURA, 2018)

Neste trecho do episódio *Filmes de direita x Filmes de esquerda*, ao abordar um discurso contraditório relacionado à polarização, os comediantes que roteirizam o programa usam da ironia como escapatória abrindo uma brecha interpretativa, uma vez que a ironia sempre esteve muito vinculada à prática de humor. "[...] a ironia como um paradoxal meio de comunicação que traz em si mensagens claras para uns, obscuras para outros; inteligentes para uns, agressivas para outros..." (MACHADO, 2014).

Sem buscar problematizar diretamente a situação direita x esquerda, os membros do Choque de Cultura não discursam usando a própria opinião sobre o assunto. Os roteiristas satirizam toda a situação apresentando um ponto de vista conhecido desses respectivos polos opostos e conseguem fazer isso sem

acabar insultando nenhuma das partes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise feita dos textos cômicos protagonizados pelos humoristas do grupo Choque de Cultura, tivemos uma exemplificação sobre onde se classifica o “novo humor” enquanto o especial de stand-up do Danilo Gentili estabelece um contraste significativo com seu discurso orgulhosamente proclamado politicamente incorreto que emprega e reforça estereótipos misóginos.

Anteriormente, o politicamente correto e incorreto entrou em perspectiva para traçar um parâmetro entre esses dois extremos sendo completamente redefinidos pelo que conhecemos como o “novo humor” que reforça a ideia de que é possível fazer humor politicamente incorreto sem adotar a disseminação de ódio e ideais discriminatórios que propagam a quebra dos direitos humanos.

Portanto, a conclusão que se chega é que o humor, assim como a sociedade em si, evoluí para se adequar aos costumes e valores daquele período atual. Partindo do princípio de que a piada, ainda que não seja discriminatória por não reforçar estereótipos nocivos historicamente estabelecidos, ela pode sim ser ofensiva a depender de quem recebe aquele texto.

O objetivo dessa análise foi responder as perguntas: “existe limite na comédia?” e “por que o humor tem que ser politicamente correto?”. Baseando-se em Freud: “O riso funcionava, […] como um liberador de emoções reprimidas. O riso compensava, em seus efeitos, o dispêndio contínuo de energia exigido para manter as proibições que a sociedade impõe e os indivíduos internalizam” (FREUD, 2002, p. 22). Ou seja, essa análise só pode chegar a conclusão de que a sociedade passou por uma mudança gigante desde o surgimento do cômico e que a ideia de politicamente correto e incorreto nasceu dessa evolução. Só o que se pode defender hoje é um discurso humorístico que consegue se sustentar sem reforçar e perpetuar ódio e ideologias discriminatórias.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Pedro. Documentário – O Riso dos Outros. (51m37s). Disponível em:

https://www.youtube.com/w?v=uVyKY_qgd54. Acesso em: 11 abr. 2023.

BERGSON, Henry. O Riso – Ensaio sobre a significação da comicidade. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento; o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

Choque de Cultura. A Série Mais Natalina Que Tem. (8m16s). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=uIhLJfZRuxo&t=434s. Acesso em: 10 mai. 2023.

Choque de Cultura. Filmes de direita x Filmes de esquerda (11m55s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t7kv81l3rzU. Acesso em: 29 mai. 2023.

FREUD, Sigmund. O chiste e sua relação com o inconsciente. In: FREUD, Sigmund (Org.). *Obras Completas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1967. v. 1.

GENTILI, Danilo. Politicamente Incorreto 2018. (1h27m11s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1mZtIuUSwZM&t=623s. Acesso em: 11 abr. 2023.

MACHADO, Ida Lucia. A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 108-128, 2014.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MORANGE, Jean. *Direitos Humanos e Liberdades Públicas*. Barueri: Ed. Manole, 2004.

POSSENTI, Sírio. *Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso*. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2018.

PORCHAT, Fábio. O 'politicamente correto' atrapalha o humor? Fábio Porchat fala sobre o assunto. (3m02s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ikZUYvAls60. Acesso em: 11 abr. 2023.

QUEIROZ, Antônio Carlos. *Politicamente correto e direitos humanos*. Brasília, DF: SEDH, 2004.

JERÓNIMO, Nuno Amaral. *Humor na sociedade contemporânea*. 2015. 256f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2015.

3. A EXPANSÃO DO ESPETÁCULO STAND-UP EM MEIOS DIGITAIS: QUAIS AS INFLUÊNCIAS?

Juliane Ferreira Moreti[2]

Resumo

No artigo, analisou-se o espetáculo stand-up e como sua expansão se distribuiu rapidamente em diferentes formatos midiáticos. Nesse caso, leva-se em consideração o gênero humor, o público, o conteúdo e suas adaptações ao longo do tempo. Os fatos discutidos deixam claro que essa temática não se limita apenas aos modelos iniciais, principalmente presencialmente em teatros, por exemplo, mas cresceu em outros meios para se fazer comédia, expandindo além do próprio formato recente que o profissional apresenta um espetáculo ao vivo. O objetivo deste artigo é entender o como e o porquê das necessidades do consumo dessa arte fizeram com que o stand-up tradicional se tornasse a porta de entrada para se consolidar em outras plataformas, especialmente digitais, e fixar estratégias de alcance conforme a adaptabilidade.

Palavras-chave: stand-up; comédia; público; audiência; meios digitais.

INTRODUÇÃO

Em todas as áreas, com a tecnologia presente diariamente na sociedade, o fluxo de novos dados é intenso e constante. A velocidade da circulação de informações, significa que ‘’novidades estão presentes o tempo todo’’, como escreve Manuel Castells (1999) em ‘A Teoria das Mídias Digitais’. Essa atualização faz com que o público, nos meios digitais, procure cada vez mais seus assuntos de seu interesse em diferentes formatos ou plataformas.

Sendo assim, também pela Indústria Cultural, conceito dos sociólogos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, citado por Manuel Castells (1999) ainda no mesmo livro, é possível entender que os meios digitais são ‘’fontes de criação e distribuição’’, procurando ‘’adaptar os ambientes a sua ‘’lógica de

[2] Estudante do 8º semestre do curso Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Anhembi Morumbi (UAM). E-mail: juliane.moreti@gmail.com.

mercado'', acompanhando o público, se encaixando a diferentes formatos e buscando por lucro e audiência.

Essa questão também está adequada a temática comédia, que é vista pelo escritor Bergson (1983) como um ''desvio das coisas'', ou seja, uma fuga da realidade por meio do humor. Por isso, é tão presente no corpo social e acompanhou as diferentes formas de adaptações que são exigidas, por exemplo, pelo conceito de Cultura de Convergência, descrito por Henry Jenkins (2006) em seu livro, que detalhou mais sobre múltiplos mercados midiáticos e o comportamento migratório do público.

A evolução do conteúdo dentro das diferentes mídias, portanto, é um tema muito discutido na sociedade e por diversos autores, além de ser importante para entender como aproximar o telespectador, quais as características do conteúdo humorístico são mais atrativas, como se adaptar e, assim, continuar ganhando audiência e dinheiro.

O CASO BEM EXEMPLIFICADO – WHINDERSSON NUNES – E A PROBLEMATIZAÇÃO

O stand-up é um dos formatos de espetáculo mais recentes, apresentados ao vivo em casas de shows ou teatros. Nele, o gênero humor domina as cenas, principalmente com as histórias que os comediantes viveram ou, na maioria das vezes, questões que o público tem em comum dentro da experiência em sociedade.

É assim que Victoria Salemi (2013) define o conceito do show, ''uma espécie de humor no qual um comediante fala ao público em um tom de conversa, contando casos engraçados, inventados ou vividos por ele na vida cotidiana''. O conteúdo presente no stand-up é o que mais aproxima o profissional das pessoas que assistem. O público, por sua vez, quer se sentir parte da produção, forma este que guia os espetáculos, como definem os sociólogos alemães: Theodor Adorno e Max Horkheimer, em a dialética do esclarecimento (1947), em que, ''quanto maior a perfeição com que suas técnicas duplicam os objetos empíricos, mais fácil se torna hoje obter a ilusão'', nesse caso, pode-se notar e criar produções que são um ''prolongamento'' do mundo.

Pensando na ideia do conteúdo em si e na proximidade com a plateia, é assim que o humorista Whindersson Nunes trabalha em seus stand-up's. O profissional, nascido em 1995, começou com vídeos na plataforma Youtube, mas cresceu de forma rápida ao entender seus seguidores e perceber como o conteúdo que pode fazer sucesso também em ambientes tecnológicos. Agora, aos 28 anos, possui espetáculos, priorizando o humor, em diversos meios digitais, além do tradicional: em pé e ao vivo.

Isso foi possível porque o show acompanha os conceitos de Indústria Cultural, Cultura de Convergência e Teoria das Mídias Digitais, junto ao riso do ser humano, principal tema estabelecido para ser discutido. Nos diversos ambientes digitais, existem inúmeras possibilidades de migração para outras plataformas, como os streamings – Netflix, Prime Vídeo, HBO Max- e as redes sociais – TikTok, Facebook, Instagram-, mas também é necessário que sejam feitas diversas estratégias para continuar trazendo audiência e a satisfação do público.

Portanto, esse pode ser o principal desafio dos humoristas atuais, assim como o Whindersson, que precisam acompanhar constantemente a procura dos usuários por entretenimento, entrando na adaptabilidade dos meios tecnológicos para que essa extensão da comédia tenha sucesso. Assim, os comediantes não ficaram apenas nos teatros ou casa de shows.

A ideia desse conceito é estabelecida por Henry Jenkins (2006), em a ''transformação cultural'', e mostra que dentro dessa convergência, os indivíduos ''são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos'', fazendo com que os criadores de conteúdo, também do stand-up, migrem para outras plataformas.

Por isso, discutir essa temática é tão importante. Permite entender que o ''riso'' faz parte da vida do ser humano e, dentro dos stand-ups, revela os principais acontecimentos sobre o momento, envolvendo questões culturais e políticas. Nesse tempo, os comediantes tiveram que se adaptar aos principais conceitos do entretenimento e mídias digitais, que perseguem a sociedade como um todo, trazendo mudanças que envolvem questões como o conteúdo, agrado ao público que sempre busca por coisas novas, audiência e dinheiro.

ADAPTAÇÕES: QUÃO IMPORTANTES SÃO?

Para entender melhor como humoristas se adaptaram as mídias digitais, indo além do stand-up em teatros, é preciso analisar que, primeiro, o comportamento do público teve mudanças. Agora, os usuários não são pouco interativos, apenas leitores ou telespectadores passivos, mas, sim, participam ativamente na troca de conhecimentos e compartilhamento das informações entre grupos, conceito estabelecido por Henry Jenkins, chamado de ‘’Cultura Participativa’’.

> Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes interagindo como ocupantes de papéis separados, agora podemos considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. (JENKINS, 2006, p. 28)

Por isso, entre os próprios consumidores, há um incentivo para a busca de novos assuntos pessoais. Essa referência engloba também a comédia, que, na área do entretenimento, os públicos são ‘incentivados procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos’’, conforme afirma Jenkins (2006), no conceito definido por ele como a ‘’transformação cultural’’.

Assim, é possível perceber que o público é parte da mudança. Porém, é preciso pensar além. Já que as pessoas buscam por suas preferências, são necessários diversos suportes midiáticos que possam permitir que várias opções estejam disponíveis, ou seja, ‘’a participação ativa dos consumidores’’, como reflete Jenkins (2006), amplia as possibilidades, em resumo, ‘’a circulação dos conteúdos - por meio de diferentes sistemas midiáticos, sistemas administrativos de mídias concorrentes e fronteiras nacionais - depende fortemente da participação ativa dos consumidores’’, marcando a sua característica principal sobre o:

> Fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2006, p. 27)

Pensando por esse ponto, foi dessa maneira que vários humoristas caíram nas redes: é o lugar, mais do que nunca, que os consumidores também

estão e, ainda, buscam por diversos conteúdos. É possível manter o fluxo de piadas, mesmo que não seja presencialmente. Por que não arriscar? É comum mexer nas redes sociais atualmente e perceber que, na verdade, o público é bombardeado o tempo todo com várias informações, mas que são ‘’afuniladas’’ conforme acontece a pesquisa por assuntos específicos.

Para esse tópico, Manuel Castells (1999) definiu a sociedade contemporânea como o ‘’capitalismo informacional’’, em que ‘’a velocidade da circulação de informações significa também que novidades estão presentes o tempo todo’’, ou seja, quando os comediantes passaram para as redes sociais ou os streamings, aconteceu apenas uma migração, que não foi mal vista pelos usuários, mas, sim, faz parte da Indústria Cultural.

> A indústria cultural se expande igualmente nos meios digitais, abrindo frentes de criação e distribuição de bens culturais e procurando, por seu turno, adaptar os ambientes virtuais à sua lógica de mercado. Isso significa, por exemplo, o uso de qualquer espaço possível em blogs, sites e redes sociais para propaganda. A flexibilidade do capitalismo informacional torna possível esse tipo de adequação. (CASTELLS, 1999, p. 101)

O humor, portanto, acompanhou a ‘’lógica de mercado’’. O humorista Whindersson Nunes é um dos pioneiros em tornar tão real essa mudança. Atualmente, seus shows não acontecem mais presencialmente em teatros, mas existem diversos trechos cortados no TikTok, ou no Instagram, por exemplo. Porém, caso o usuário tenha o interesse em assistir os stand-up’s completos, estão disponíveis, também, na Netflix.

FAÇO PARTE, E AGORA?

A partir do momento que os humoristas trouxeram os conteúdos para além do stand-up tradicional, eles acompanharam a ‘’lógica de mercado’’, perceberam que o público está cem por cento presente no ambiente digital e, agora, precisam ter a ambição de expandir seu trabalho, que, caso seja organizado, pode ter alcance global, como descreve Manuel Castells:

> A produção, troca, organização e consumo de informações é uma das características principais do mundo contemporâneo. Dados e informações, em alguma medida, tornam-se os bens mais preciosos na sociedade na medida em que, a partir disso, inúmeras decisões, com alcance global, podem ser tomadas. (CASTELLS, 1999, p. 101)

Entretanto, essa migração não pode acontecer de qualquer forma. Afinal, os usuários são diferentes em cada plataforma, contando também que cada acervo digital possui as suas principais características. Vale ressaltar, porém, que os stand-up's tradicionais, em casa de shows ou teatros, não ficam para trás ou deixam de existir, apenas são abertas mais ''opções de comunicação'', levando em conta que o show ao vivo foi o primeiro que se estabeleceu, como explica Jenkins com outros exemplos:

> O conteúdo de um meio pode mudar (como ocorreu quando a televisão substituiu o rádio como o meio de contar histórias, deixando o rádio livre para se tornar a principal vitrine do rock and roll), seu público pode mudar (como ocorre quando as histórias em quadrinho saem de voga, nos anos 1950,para entrar num nicho, hoje) e seu status social pode subir ou cair (como ocorre quando o teatro desloca de um formato popular para um formato de elite), mas uma vez que o meio se estabelece, ao satisfazer alguma demanda humana essencial, ele continua a funcionar dentro de um sistema maior de opções de comunicação. (JENKINS, 2006, p. 39)

Como Jenkins cita, algumas transformações acontecem, mas é preciso saber adaptar as mudanças, não somente migrar para a expansão. Essa é uma das vertentes, inclusive, que podem fazer com que o profissional tenha maior alcance, e, consequentemente, tenha a oportunidade de ganhar mais dinheiro e audiência.

MAS E O CONTEÚDO?

Com tantas mudanças, os humoristas viram que as adaptações precisam ser analisadas e são necessárias. Apesar disso, o stand-up não perdeu a essência do tradicional: a comédia continua sendo o centro dos repertórios dos profissionais. acompanhando o conceito de Victoria Salemi (2013), sobre o ''tom de conversa'' com os consumidores, sem deixar de lado, é claro, o cômico.

Whindersson Nunes, por exemplo, possui três shows disponíveis na Netflix: em resumo, o primeiro fala detalhes do casamento que teve com Luísa Sonza; o segundo, porém, trata sobre suas viagens internacionais e quais experiência adquiriu nos demais países e, já o terceiro, fala sobre um lado à parte sobre o mundo da fama. As histórias soltam gargalhadas do público, porque o grande detalhe é que, nesse contexto, o humorista faz com que o

espectador se sinta parte da produção, pensando além das suas próprias vivências, mas incluindo, também, as situações que a maior parte das pessoas passa no convívio em sociedade, uma comédia que ‘’imita a vida’’:

> Ora, a comédia é um brinquedo, brinquedo que imita a vida. E se, nos brinquedos infantis, quando a criança lida com bonecos e polichinelos, tudo se faz por cordões, não serão esses mesmos cordões, gastos pelo uso, o que iremos encontrar nos cordéis que articulam as situações da comédia? (BERGSON, 2001, p. 35)

Além de ser parte do conteúdo, o gênero comédia torna-se um ‘’desvio das coisas’’, ou seja, é utilizada também para fazer com que o espectador desligue um pouco do que pode cercá-lo enquanto está fora do espetáculo. Essa é, portanto, mais uma das características da comicidade: “E por isso a comicidade dos acontecimentos pode definir-se como um desvio das coisas, assim como a comicidade de um tipo individual se deve sempre a certo desvio fundamental da pessoa” (BERGSON, 2001, p. 50).

É o ideal, então, utilizar das situações do cotidiano para atrair o público. Acrescentando, ainda, que essa é a forma que as pessoas são atraídas. Por isso, o stand-up cresceu rápido e, ainda, se expandiu nos demais ambientes digitais. Os espectadores, dominados pelo conceito da ‘’Indústria Cultural’’, contribuíram para que as mudanças acontecessem, além de sentirem parte do conteúdo, não deixando de lado o riso, conforme Adorno e Horkheimer, ao dar exemplo de filmes:

> O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural. A velha experiência do espectador de cinema, que percebe a rua como um prolongamento do filme que acabou de ver, porque este pretende ele próprio reproduzir rigorosamente o mundo da percepção quotidiana, tornou-se norma da produção. Quanto maior a perfeição com que suas técnicas duplicam os objetos empíricos, mais fácil se torna hoje obter a ilusão de que o mundo exterior é o prolongamento sem ruptura do mundo que se descobre no filme. Desde a súbita introdução do filme sonoro, a reprodução mecânica pôs-se ao inteiro serviço desse projeto. A vida não deve mais tendencialmente deixar-se distinguir do filme sonoro. (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 104)

Com as estratégias em mãos, os humoristas são o sucesso mundial. Sendo assim, a audiência expandiu além da arte. O espetáculo produz dinheiro através da venda dos ingressos e publicidades, acompanhando a ‘’lógica de mercado’’, com a ‘’a produção, troca, organização e consumo de informações é

uma das características principais do mundo contemporâneo'' (CASTELLS, 1999, p.101).

> A indústria cultural se expande igualmente nos meios digitais, abrindo frentes de criação e distribuição de bens culturais e procurando, por seu turno, adaptar os ambientes virtuais à sua lógica de mercado. Isso significa, por exemplo, o uso de qualquer espaço possível em blogs, sites e redes sociais para propaganda. A flexibilidade do capitalismo informacional torna possível esse tipo de adequação. (CASTELLS, 1999, p. 105)

Ainda assim, o conteúdo do Stand-up não deixa de ser natural, principalmente decorrente de um gênero tão comum, inclusive, trabalhado através do instinto que faz parte do ser humano.

> Duas expressões da mesma ideia: a expressão transposta e a natural. Conhecemos de fato a expressão natural, pois é a que descobrimos por instinto. É, pois, quanto à outra, e quanto a ela somente, que se fará o empenho de criação cômica. Sendo-nos apresentada a segunda, completamos, por nós mesmos, a primeira. Donde esta regra geral: Obteremos um efeito cômico ao transpor a expressão natural de uma ideia para outra tonalidade. Os meios de transposição são tão numerosos e variados, a linguagem apresenta tão rica sequência de tons, permitindo assim a comicidade passar por uma gama infindável de graus, desde o burlesco mais vulgar até as elevadas formas do humor e da ironia. (BERGSON, 1983, p. 59)

Com esse conjunto de informações sobre todas as características de evolução, apesar de não parecer, por trás do stand-up, há uma função social, conforme defende Bergson (1983). É, mais uma vez, a prova de que o show é digno de reflexões sobre o seu avanço rápido dentro do corpo social, principalmente, também, por não existir "comicidade fora do que é propriamente humano": "Para compreender o riso é preciso colocá-lo em seu meio natural, que é a sociedade; e é preciso, sobretudo, determinar sua função útil, que é uma função social" (BERGSON, 1983, p. 9).

CONCLUSÃO

No artigo, os principais temas discutidos envolvem o stand-up e o quanto, em função social, o gênero humor pode expandir horizontes especialmente em ambientes digitais. Pode-se concluir que, a partir dos autores Henry Jenkins, Theodor Adorno e Max Horkheimer, Manuel Castells e Henri Bergson e seus

conceitos apresentados, a migração do espetáculo para os streamings e redes sociais fizeram com que os humoristas fossem além do show tradicional.

Essa mudança aconteceu para acompanhar os meios digitais, em uma oportunidade de fonte de criação e possibilidade de acompanhar a lógica de mercado, podendo pensar também em audiência e outras formas de lucro.

Entretanto, caso não realizado da forma correta, pode criar, na verdade, uma problematização. Um exemplo citado como boa referência é o humorista Whindersson Nunes, que conseguiu se adaptar aos mais diferentes meios digitais, sendo um dos brasileiros da comédia mais conhecidos atualmente.

A migração do espetáculo stand-up, conforme discutido durante o artigo, requer pensar na influência do público, a adaptação em diferentes plataformas digitais e, também, do conteúdo, principais pilares para levar em consideração na migração.

O humor, que faz parte do ser humano, é o principal caminho do show. O indivíduo quer se sentir parte da apresentação, técnica que faz com que os profissionais foquem em histórias cotidianas em sociedade.

Com o agrado do público e analisando as demais vertentes, é grande a possibilidade de um profissional da comédia cresça além dos teatros e, ainda, conquiste outras plataformas, adquirindo, também, o conceito de função social.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento. In: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max (Orgs.). *A indústria cultural: iluminação como engano em massa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1947.

BERGSON, Henri. *O riso*: ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. in: Martino, Luís Mauro Sá (org.). *Teoria das mídias digitais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2006.

SALEMI, Victória. Stand up ou improvisação? *Jornalismo Júnior*, São Paulo, 25 maio 2013. Disponível em: http://jornalismojunior.com.br/stand-up-ou-improvisacao/. Acesso em: 22 abr. 2023

4. FESTIVAL HUMORAMA: HUMOR NA ERA DO TIKTOK

Henrique Monetta[3]

Resumo

Este artigo analisou o “TikTok Humorama: Festival de Comédia", um evento online e presencial realizado pela rede social TikTok em agosto de 2022. Abordei a cobertura da mídia, a participação dos usuários no festival, os tipos de conteúdos produzidos na rede durante o período, as formas de divulgação utilizadas pela rede e os problemas que ocorreram durante o evento presencial de encerramento, no dia 31 de agosto do mesmo ano. A análise do festival gerou estudo sobre o humor no TikTok e sua presença na percepção pública sobre a rede no Brasil, além da migração digital de grandes nomes e empresas de mídia para a plataforma e um vislumbre sobre quais tipos de conteúdo e criadores a rede decide promover para alavancar sua imagem pública.

Palavras-chave: TikTok; redes sociais; festival; humor; comédia.

Abstract

This article analyzed “TikTok Humorama: Festival de Comédia”, an online and in-person event held by the social network TikTok in August 2022. I addressed media coverage, user participation in the festival, the types of content produced on the network during the period, forms of divulgation used by the company and the problems that occurred during the in-person closing event, on August 31 of the same year. This analysis of the comedy festival generated a study on humor on TikTok and its effect in the public perception of the social network in Brazil, in addition to the digital migration of big names and media companies to the platform and a glimpse of what kinds of content and creators the network decides to promote to leverage its public image.

Keywords: TikTok, social media, comedy festival, humor, comedy.

INTRODUÇÃO

[3] Estudante do 8º semestre do curso Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Anhembi Morumbi (UAM). E-mail: henriquemonetta@gmail.com.

O Humorama foi um Festival de Comédia realizado pelo TikTok dentro da própria plataforma, contando com personalidades desde os comediantes mais tradicionais até celebridades nativas da rede. O Festival foi realizado no mês de agosto de 2022, com várias ações no período e um evento de encerramento no final do mês. Este artigo analisa sua cobertura na mídia, participação dos usuários com a hashtag do evento e as formas de divulgação utilizadas pela rede social no período.

Também foram abordados os problemas ocorridos durante o evento de encerramento presencial no Rio de Janeiro, o cronograma de ações realizadas por parceiros e os tipos de conteúdo compartilhados durante o período.

O FESTIVAL DE COMÉDIA

O Humorama, festival do TikTok realizado na própria rede social, contou com personalidades desde os comediantes mais tradicionais, como celebridades do Comedy Central e Porta dos Fundos, até perfis de humor nativos da plataforma como o Frachecu, Henrytado e outros. O Festival foi realizado durante o mês de agosto, com várias ações no período. Qualquer um podia participar utilizando a hashtag #festivaldecomedia, e uma live de encerramento ocorreu no dia 31 de agosto no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, com a participação de vários parceiros.

No evento do dia 31, os comediantes João Pimenta e Yuri Marçal foram vítimas de racismo. João foi barrado de subir no palco para sua apresentação de stand-up, e Yuri Marçal, depois de sua apresentação, tentou ajudar o colega e acabou também sendo barrado pelos seguranças. Os organizadores se desculparam e João conseguiu realizar sua apresentação.

Durante o período do Festival, a partir do dia 3, vários conteúdos foram compartilhados na rede por usuários diversos. Hoje, a hashtag acumula mais de 7 bilhões de visualizações com todos os vídeos somados. A plataforma diz que, durante o período da campanha, foram criados 160 mil vídeos que tiveram mais de 730 milhões de visualizações, somadas.

Um fato importante a apontar é que, embora o Festival Humorama tenha vários humoristas de diversos *backgrounds* e até nativos da plataforma, como

convidados e parceiros patrocinados nas divulgações do evento, os “headliners” sempre citados nas comunicações oficiais são o Comedy Central e o Porta dos Fundos, ambos de propriedade da Viacom. O conglomerado de mídia americana tomou controle da empresa em 2017. Não há informações sobre as negociações, faturamento ou total gasto na realização do Humorama, mas é relevante apontar que as principais companhias que comandaram o evento fazem parte do mesmo guarda-chuva corporativo.

O autor Vitor de Souza Cassettari aponta em seu trabalho de conclusão de curso que “o humor passou a ser uma parte importantíssima dessas redes, na qual empresas e marcas utilizam dele ou de quem faz ele, para vender ou viralizar seus produtos” (CASSETTARI, 2021, p. 11).

O evento começou dia 3 de agosto de 2022, pela plataforma TikTok para pouco alarde. A essa altura do campeonato o evento consistia em vídeos de “melhores momentos” da história do grupo de comédia Porta dos Fundos, com uso das hashtags “#porta10anos” e “#festivaldecomedia”. Os vídeos postados incluem continuações de clássicos do grupo, repostagens de esquetes de sucesso e vídeos de bastidores. As publicações com ambas as hashtags durante esse período tiveram sucesso considerável, com alguns ultrapassando um milhão de visualizações.

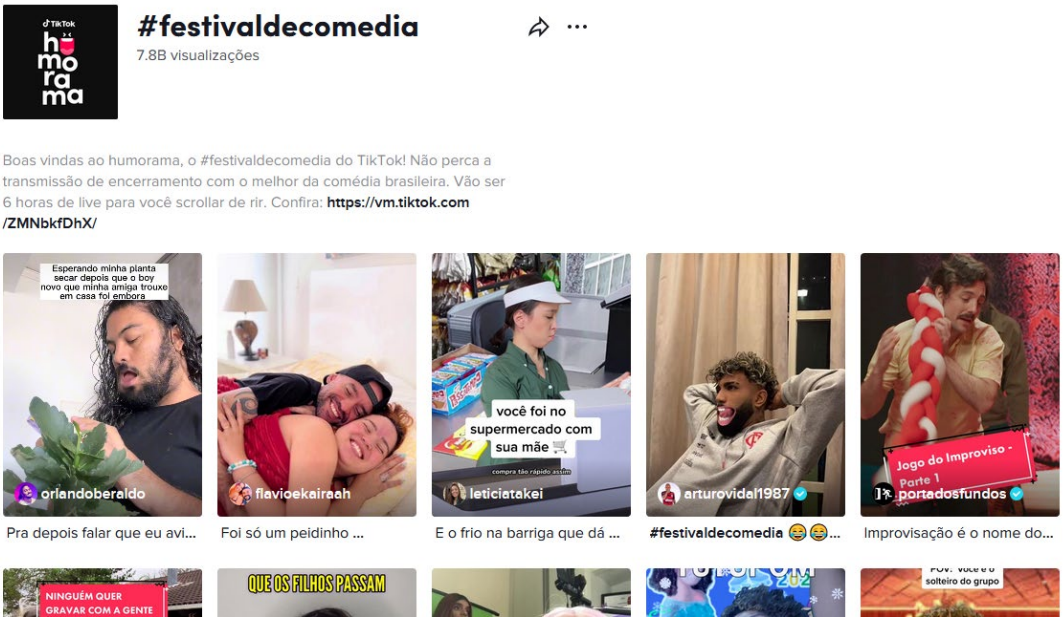
Há também uma série de vídeos apenas com a hashtag “porta10anos”, muitos no mesmo período e fora da parceria com o Festival de Comédia, que estão em uma playlist separada destacada no perfil do Porta dos Fundos. Os posts somente com essa hashtag possuem em geral mais visualizações, e contém também um vídeo patrocinado pelo streaming Apple TV+.

O canal Porta dos fundos nasceu no Youtube e evoluiu para um dos maiores expoentes do humor nacional, acumulando mais de 5,4 milhões de seguidores no TikTok e 17,6 milhões de inscritos no YouTube. O humor do canal é caracterizado por cenas do cotidiano de forma exagerada, críticas políticas e temas corriqueiros que pouco são abordados em outras mídias. De acordo com Gregório Duvivier, um dos fundadores do grupo de comédia:

> Apresentamos o Porta dos Fundos a uma meia dúzia de canais de TV, e ninguém viu graça. Foi só depois do sucesso no YouTube que passaram a nos procurar para atuar na televisão. Mas aí não fazia mais

> sentido. A aposta do futuro é a internet, onde temos toda a liberdade. (THENDIM; MOTA, 2019)

Figura 1 – Página do TikTok com o compilado de vídeos correspondentes à hashtag festivaldecomedia.



Disponível em: https://www.tiktok.com/tag/festivaldecomedia. Acesso em: 15 maio 2023

A partir do dia 10 de agosto, a página oficial do canal por assinatura Comedy Central, no TikTok como @comedycentralbr começou sua participação no festival, usando a hashtag oficial #festivaldecomedia para praticamente todos os conteúdos publicados até o dia 29 do mesmo mês. O canal criou conteúdos especiais para o festival, que consistem em vídeos diversos da atriz Cris Wersom conversando com diversos comediantes sobre improviso, surgimento e criação de roteiros para comédia, impacto da comédia na vida dos entrevistados e mais. Os convidados envolveram, dentre outros, Raul Chequer, conhecido pela sua participação no programa “Choque de Cultura”, que surgiu no YouTube e chegou a passar na TV Globo, e Hélio de la Peña, conhecido pelo Casseta e Planeta, programa de TV comédia que ficou no ar por mais de 15 anos. Esses vídeos faziam parte da programação oficial do Festival Humorama e divulgaram amplamente a hashtag. Esses vídeos especiais foram publicados no canal do Comedy Central Brasil até o dia 17.

O canal publicou também outros conteúdos com a hashtag #festivaldecomedia nesse período, incluindo clipes da animação adulta South Park, que é exibido no Comedy Central, e clipes de programas de stand-up próprios do canal, como o A Culpa é do Cabral. Anúncios da programação do canal, como o horário de um especial do South Park que seria exibido, também foram incluídos na hashtag do festival.

Nem todos os conteúdos publicados nesse período pelo Comedy Central receberam a hashtag do festival. Um clipe do programa A Culpa é do Cabral em que o comediante Thiago Ventura cita “versões pornô” de nomes de personagens da cultura popular não conta com a hashtag, enquanto outros clipes do programa no mesmo período entraram no Humorama.

A programação oficial do festival aponta que do dia 18 a 24 de agosto foram realizadas lives no perfil oficial do Comedy Central Brasil, mas um arquivo na íntegra dessas transmissões ao vivo não foi preservado, impedindo qualquer análise do conteúdo contido nelas.

No dia 26, O perfil do TikTok do Porta dos Fundos fez uma grande promoção em parceria com o TikTok, em um vídeo que serviu como anúncio do evento de encerramento do festival para toda a plataforma. O vídeo tem a participação de Ed Gama, YouTuber e comediante que já teve passagem por grandes veículos. Já no dia 27, de acordo com o cronograma oficial do evento[4], a programação envolve “o melhor da história do Porta dos Fundos no TikTok com conteúdo inédito”. Nesse dia foram produzidos conteúdos em parceria com a rede de restaurantes Outback, além de vídeos comemorativos entrevistando membros de longa data do Porta dos Fundos, ainda em comemoração aos 10 anos e também como uma antecipação do evento de encerramento do Humorama.

Do dia 27 ao 30, temos uma divulgação em várias frentes do evento de encerramento do dia 31. Além do anúncio veiculado pelo canal Porta dos Fundos, o TikTok Brasil também promoveu o evento de encerramento do festival e o uso da hashtag #festivaldecomedia por meio de perfis influentes dentro e fora

[4] Disponível em: https://canaltech.com.br/redes-sociais/tiktok-reune-estrelas-do-porta-dos-fundos-e-comedy-central-em-festival-de-humor-222623/. Acesso em: 15 maio 2023.

da plataforma, como as comediantes Bruna Lousie[5] e Dani Calabresa[6], e a influenciadora digital Gabô Pantaleão[7]. Essas divulgações foram principalmente nas redes sociais, como no Twitter, Instagram e no próprio TikTok.

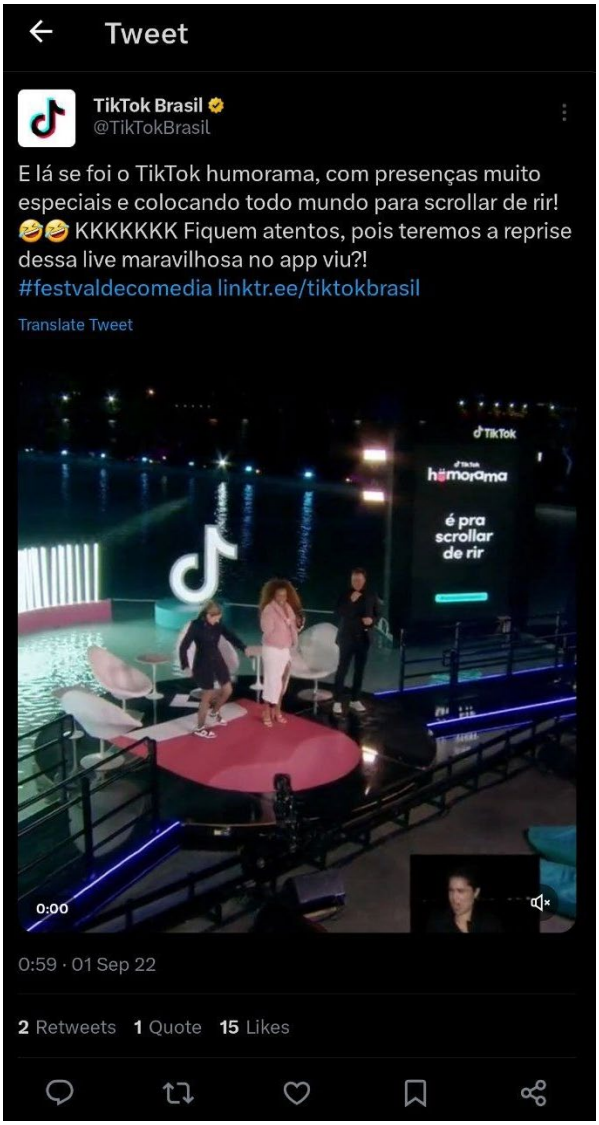
A participação dos demais usuários pela hashtag #festivaldecomedia foi expressiva, hoje ultrapassando as 7 bilhões de visualizações. Como qualquer um podia usar a hashtag em qualquer conteúdo criado na rede, é de se esperar que nem todos os conteúdos participantes do festival sejam, de fato, vídeos de comédia. Alguns dos itens com mais visualizações associados incluem cortes de podcasts, animações 3D e outros tipos de conteúdo. A hashtag logo caiu em desuso, então os vídeos publicados mostram como era parte da cena humorística da plataforma em agosto de 2022. A maioria dos vídeos retratam cenas do cotidiano de forma cômica, utilizando-se de legendas, filtros considerados engraçados e outros artifícios.

O evento de encerramento ocorreu no Museu do Amanhã no Rio de Janeiro, com participação de nomes como Raquel Real, Fábio Porchat, Os Barbixas, entre outros. A partir das 18 horas do dia 31 de agosto de 2022, o perfil oficial do TikTok Brasil transmitiu o evento. Não existem arquivos públicos dessa live na íntegra, mas muito conteúdo de bastidores se fez disponível, além de pequenos clipes fornecidos pelo próprio TIkTok Brasil como forma de divulgação em seu Twitter oficial.

---

[5] Disponível em: https://www.tiktok.com/@abrunalouise/video/7138127660156407046. Acesso em: 24 maio 2023.
[6] Disponível em: https://www.tiktok.com/@calabresatiktok/video/7137859006659415302. Acesso em: 24 maio 2023.
[7] Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ch29xK6jGMz. Acesso em: 24 maio 2023.

Figura 2 – Post sobre o festival no Twitter.



Disponível em: https://twitter.com/TikTokBrasil/status/1565187658371964928?t=aoRRjC_27SorR8ZtPBaxLQ&s=19. Acesso em: 16 maio 2023.

O evento foi dividido em três blocos, com entrevistas, apresentações de stand-up e um quadro especial do Porta dos Fundos em cada bloco. O destaque fica para a cobertura da coluna de Gabriel Perline no iG Gente, que fez uma cobertura extensiva do festival por meio de fotos, trouxe também números e declarações de um representante do TikTok para a América Latina. “O TikTok Humorama, Festival de Comédia teve mais de 730 milhões de visualizações e 160 mil vídeos criados na plataforma” (Perline, 2022).

Mas o principal destaque do evento na mídia foi, infelizmente, um caso de racismo que ocorreu com João Pimenta, que faz parte do Porta dos Fundos. O

humorista contou via Twitter que enquanto esperava sua vez para ir ao palco, foi ao banheiro e ao voltar foi barrado pelos seguranças do evento, mesmo com a pulseira o identificando como atração do festival, sob orientação de superiores. O também comediante Yuri Martins, que tinha se apresentado minutos antes, foi auxiliar João e acabou também barrado. O TikTok Brasil se desculpou para os envolvidos, além de divulgar uma nota pública no Twitter (Figura 3).

Figura 3 – Resposta do TikTok à reclamação do humorista João Pimenta.

Disponível em: https://twitter.com/TikTokBrasil/status/1565486337788084226. Acesso em: 16 maio 2023.

O caso de racismo sofrido por João Pimenta e Yuri Martins foi repercutido na imprensa com seriedade e em veículos de grande alcance como a Folha de S.Paulo e O Globo, ambos em seus cadernos de cultura.

Embora o evento de encerramento do festival tenha gerado bons números de visualização e participação de usuários na hashtag promovida, até o momento uma segunda edição não foi confirmada pela rede social.

CONCLUSÃO

O “TikTok Humorama: Festival de Comédia" gerou bons números para a plataforma, com conteúdos que viralizaram através da hashtag #festivaldecomedia e vários vídeos criados por parceiros, esses entregando resultados bem variáveis de repercussão e visualizações. A comemoração de 10 anos do Porta dos Fundos funcionou tematicamente e como forma de carregar o evento nos primeiros dez dias do mês de agosto, e os posts patrocinados dentro da plataforma acumularam milhões de views, com visualizações gerais em posts com a hashtag acima dos sete bilhões. A reputação da rede social, porém, parece não ter sofrido grande impacto positivo, embora muitos dos vídeos tenham sido bem avaliados. A rede já é conhecida por seus vídeos humorísticos, e o caso de racismo no evento presencial foi a única coisa amplamente divulgada na mídia sobre o encerramento do Humorama. Arquivos da íntegra da live ou cortes oficias não foram disponibilizados pela rede social e embora ainda tenham traços do Humorama no site de acesso ao TikTok, não parece muito vantajoso para a plataforma realizar uma segunda edição. No momento, nada foi anunciado.

REFERÊNCIAS

ALMENARA, I. TikTok reúne estrelas do Porta dos Fundos e Comedy Central em festival de humor. Canal tech, 8 ago. 2022. Disponível em: https://canaltech.com.br/redes-sociais/tiktok-reune-estrelas-do-porta-dos-fundos-e-comedy-central-em-festival-de-humor-222623/. Acesso em: 15 maio 2023.

CASSETTARI, V. de S. O teatro capturado na rede: a nova era da internet e o humor no aplicativo TikTok no Brasil. Anais ABRACE, Campinas, v. 21, p. 1-17, 2021.

PERLINE, G. TikTok atinge 730 milhões de visualizações com 1o Festival de Comédia. *iG*, 3 set. 2022. Disponível em: https://gente.ig.com.br/colunas/gabriel-perline/2022-09-03/tiktok-atinge-730-milhoes-de-visualizacoes-com-1-festival-de-comedia.html. Acesso em: 24 maio 2023.

THENDIM, F.; MOTTA, B. A direita brasileira é “infinitamente mais cômica”. Veja, 30 ago. 2019. Disponível em: https://veja.abril.com.br/politica/gregorio-duvivier-amarelas-entrevista-direita. Acesso em: 15 maio 2023.

TIKTOK. TikTok celebra a comédia em festival com criadores da plataforma e grandes talentos do humor brasileiro, 2022. Disponível em: https://newsroom.tiktok.com/pt-br/humorama-festival-de-comedia-2022. Acesso em: 15 maio 2023.

TORRES, B. Humorista João Pimenta denuncia racismo após ser barrado em evento do TikTok onde se apresentaria. *O Globo*, 4 set. 2022. Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2022/09/humorista-joao-pimenta-e-barrado-em-seu-proprio-evento-e-denuncia-racismo.ghtml. Acesso em: 24 maio 2023.

5. FESTIVAL DAS MAMACITAS E A SUA IMPORTÂNCIA NO ÂMBITO HUMORÍSTICO

Leonardo Almeida da Silva[8]

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar o Festival das Mamacitas, um evento humorístico liderado por mulheres que aborda temas relacionados à diversidade, igualdade de gênero e empoderamento feminino. A metodologia inclui revisão bibliográfica, análise de vídeos e reportagens do festival e entrevistas com participantes e organizadoras do evento. O estudo busca explorar diferentes dimensões do festival, desde seu histórico e perfil dos participantes até a análise do conteúdo apresentado e seu impacto na sociedade. O trabalho se justifica pela necessidade de se debater a presença das mulheres no humor e reconhecer a importância de espaços que valorizem a diversidade e a representatividade, além de analisar o impacto do festival na desconstrução de estereótipos de gênero e na construção de um humor mais inclusivo. Espera-se contribuir para a discussão sobre a presença das mulheres no humor e para a valorização de espaços de resistência e de representatividade.

Palavras-chave: humor; mulheres; Festival das Mamacitas; diversidade; igualdade de gênero; empoderamento feminino.

INTRODUÇÃO

O humor é uma forma expressiva que tem sido utilizada em diferentes contextos sociais, culturais e políticos. No campo do jornalismo, o humor tem sido uma ferramenta importante para a crítica social e a reflexão sobre os acontecimentos do cotidiano. No entanto, a presença das mulheres no humor tem sido historicamente invisibilizada, e muitas vezes são alvo de preconceito e estereótipos.

Este trabalho tem como objetivo analisar o Festival das Mamacitas, um evento humorístico que se destaca por ser liderado por mulheres e por abordar temas relacionados à diversidade, igualdade de gênero e empoderamento

[8] Estudante do 8º semestre do curso Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Anhembi Morumbi (UAM). E-mail: leosilvacity2115@gmail.com.

feminino. A escolha deste tema se dá pela importância de se discutir a presença das mulheres no humor e de se valorizar espaços de resistência e de representatividade.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é a revisão bibliográfica, a análise de vídeos e reportagens do festival e entrevistas com participantes e organizadoras do evento. Dessa forma, busca-se explorar as diferentes dimensões do festival, desde o seu histórico e perfil dos participantes, até a análise do conteúdo apresentado e seu impacto na sociedade.

A justificativa para esta pesquisa se dá pela necessidade de se debater a presença das mulheres no humor e reconhecer a importância de espaços que valorizem a diversidade e a representatividade. Além disso, busca-se analisar o impacto do festival na desconstrução de estereótipos de gênero e na construção de um humor mais inclusivo.

Os objetivos específicos deste trabalho são: a) analisar o papel das mulheres no humor, a partir de um histórico da presença feminina no gênero; b) apresentar a importância do Festival das Mamacitas no cenário humorístico e na discussão sobre a igualdade de gênero; c) analisar o conteúdo apresentado no festival, destacando as técnicas de humor utilizadas e os temas abordados; d) discutir o festival como espaço de resistência e de construção de um humor mais inclusivo; e) analisar a cobertura jornalística do evento e seu impacto na divulgação do festival e de suas mensagens.

Este trabalho se justifica pela importância de se debater a presença das mulheres no humor e de se valorizar espaços que valorizem a diversidade e a representatividade. É importante analisar o impacto do festival na desconstrução de estereótipos de gênero e na construção de um humor mais inclusivo, bem como o papel da cobertura jornalística do evento na divulgação de suas mensagens. Espera-se contribuir para a discussão sobre a presença das mulheres no humor e para a valorização de espaços de resistência e de representatividade.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO HUMOR NO JORNALISMO

O humor é uma das formas mais antigas de comunicação e, desde as sociedades mais primitivas, é utilizado como forma de entretenimento e

expressão. Na Grécia Antiga, por exemplo, o teatro de comédia era uma forma de crítica social, abordando temas como política, religião e costumes da época. O humor, portanto, sempre esteve presente na sociedade e, consequentemente, no jornalismo.

A utilização do humor no jornalismo é uma prática antiga e recorrente. Desde o século XVI, os jornais já faziam uso de caricaturas e charges para ilustrar notícias e críticas sociais. No século XIX, o humor passou a ser utilizado como forma de crítica política, com a criação de jornais satíricos, que ridicularizavam políticos e personalidades públicas. Esses jornais, além de divertir, tinham como objetivo denunciar abusos de poder e corrupção.

O humor no jornalismo também pode ser visto como uma forma de entretenimento, de distração do leitor em meio a notícias muitas vezes pesadas e tristes. É comum encontrar seções de humor em jornais e revistas, com tirinhas, piadas e colunas satíricas. Esses espaços têm como objetivo proporcionar ao leitor uma pausa no cotidiano e, muitas vezes, promover uma reflexão através do riso.

Nuno Amaral Jerónimo (2015) argumenta que o humor é uma forma de expressão importante na sociedade contemporânea, já que ele possibilita a crítica social e a reflexão sobre temas relevantes. No entanto, o autor destaca que o humor pode reproduzir preconceitos e estereótipos, o que acaba reforçando desigualdades e opressões.

Apesar de ser uma forma de comunicação bastante utilizada, o humor no jornalismo requer cuidado e responsabilidade. É preciso ter em mente que o humor pode ser interpretado de diversas maneiras, e o que pode ser engraçado para alguns, pode ser ofensivo para outros. Além disso, o humor não deve ser utilizado como forma de desrespeito ou de ataque a grupos sociais específicos.

É importante destacar que, apesar de sua utilização comum no jornalismo, o humor ainda é uma área pouco explorada academicamente. Há poucos estudos que abordam o tema de forma aprofundada, o que torna a presente pesquisa ainda mais relevante. Através de uma análise histórica e crítica, é possível compreender melhor o papel do humor no jornalismo e suas implicações sociais.

Os formatos de humor no jornalismo são muitos e variados. Desde tirinhas e charges até programas de televisão e rádio, o humor pode ser utilizado de

diversas formas para comunicar mensagens e críticas sociais. Alguns jornalistas utilizam o humor como forma de aproximação do público, criando personagens e situações cômicas que cativam o leitor ou o telespectador.

O humor no jornalismo também pode ser utilizado como forma de combate à censura e à repressão política. Em regimes autoritários, por exemplo, o humor é muitas vezes utilizado como forma de protesto e resistência. Charges e caricaturas são criadas para criticar o governo e seus líderes, e o humor é utilizado como forma de expressão da sociedade em um contexto de repressão.

O humor no jornalismo também pode ser visto como uma forma de exercício da liberdade de expressão. O humor permite a crítica social de forma leve e descontraída, sem as formalidades e rigidez da linguagem jornalística tradicional. Além disso, o humor permite que temas complexos e tabus sociais sejam abordados de forma mais acessível, sem perder a seriedade do assunto.

No entanto, é importante destacar que o humor no jornalismo não deve ser utilizado de forma banal ou irresponsável. O humor deve ser utilizado com cautela e inteligência, de forma a respeitar a sensibilidade do público e promover o debate e a reflexão social. O uso indiscriminado do humor pode levar a equívocos e até mesmo a situações de preconceito e discriminação.

O FESTIVAL DAS MAMACITAS

O Festival das Mamacitas é um evento anual que reúne mulheres comediantes de todo o Brasil para apresentações de stand-up comedy. O festival foi criado em 2016 pela comediante Bruna Louise e tem como objetivo dar visibilidade e voz às mulheres no cenário humorístico, que historicamente tem sido dominado por homens.

O Festival das Mamacitas é um evento anual que reúne humoristas mulheres em São Paulo, com o objetivo de promover a diversidade e a inclusão no meio artístico. Segundo Juliana Spagnol Sechinato (2021), esse festival é uma oportunidade para as mulheres se expressarem e conquistarem espaço no mundo do humor. O evento é uma iniciativa importante, já que, historicamente, o humor foi dominado por homens, o que acabou criando estereótipos de gênero na comédia.

Desde sua primeira edição, o Festival das Mamacitas tem sido muito importante para o cenário humorístico brasileiro. Ele tem sido responsável por criar uma rede de apoio e divulgação para as mulheres comediantes, que muitas vezes são ignoradas pela mídia tradicional. Além disso, o festival é uma plataforma única para a apresentação de novos talentos e para o desenvolvimento de técnicas de humor.

O festival é realizado em diversas cidades do país, com apresentações que acontecem em teatros, bares e outros espaços culturais. As apresentações são divididas em categorias, como "novatas", "veteranas" e "convidadas especiais", e os temas abordados vão desde questões pessoais até temas da atualidade, como política e feminismo.

As comediantes que participam do festival são de diversos estados do Brasil e têm perfis variados, incluindo mulheres negras, LGBTQIA+ e de diferentes classes sociais. Isso garante uma diversidade de vozes e perspectivas, o que é fundamental para a construção de um humor mais inclusivo e representativo.

Além de ser um evento de destaque no cenário humorístico brasileiro, o Festival das Mamacitas também tem um papel importante na cena cultural e social do país. Ele tem sido um espaço de resistência e de quebra de paradigmas em relação ao papel da mulher na sociedade e no humor, e tem contribuído para a desconstrução de estereótipos de gênero.

O festival também tem um impacto significativo na vida das comediantes, muitas das quais têm a oportunidade de se apresentar para um público maior e de desenvolver seu trabalho. Isso pode abrir portas para novas oportunidades de trabalho e ajudar a consolidar suas carreiras no mundo do humor.

Em suma, o Festival das Mamacitas é um evento de grande importância no cenário humorístico e cultural brasileiro. Ele tem sido fundamental para dar voz e visibilidade às mulheres comediantes e para contribuir com a construção de um humor mais inclusivo e representativo. Além disso, o festival tem sido um espaço de resistência e de quebra de paradigmas em relação ao papel da mulher na sociedade e no humor.

Ludmila Pereira de Almeida e Tânia Ferreira Rezende (2022), em um estudo sobre as táticas de linguagem das mulheres negras no stand-up, afirmam que a comédia pode ser uma ferramenta para a construção da identidade e para

a luta contra o racismo. As autoras destacam que as mulheres negras no stand-up brasileiro usam estratégias linguísticas para subverter estereótipos e para promover a conscientização sobre questões raciais.

Juliana Spagnol Sechinato (2021), em outro estudo, analisa o humor produzido por mulheres em performance ao vivo. A autora destaca que as humoristas enfrentam dificuldades no meio artístico, mas que a comédia pode ser uma forma de resistência e empoderamento feminino.

ANÁLISE DO CONTEÚDO APRESENTADO NO FESTIVAL

O Festival das Mamacitas é um evento de humor que reúne mulheres comediantes de diferentes partes do Brasil. Ao analisar o conteúdo apresentado durante o festival, é possível perceber que os temas abordados são variados e incluem desde questões cotidianas até temas mais complexos como a desigualdade de gênero e a luta feminista.

Uma das técnicas de humor mais utilizadas pelas comediantes durante o festival é a ironia. Elas usam esse recurso para criticar a sociedade e seus comportamentos machistas e preconceituosos. Além disso, a maioria das piadas é construída em cima de estereótipos de gênero, que são desconstruídos de maneira criativa e engraçada.

O impacto do festival na sociedade é significativo. O evento contribui para a quebra de paradigmas em relação ao papel da mulher no humor e na sociedade em geral. Além disso, ele também serve como uma ferramenta para o combate à desigualdade de gênero e para a promoção da diversidade no humor.

Os temas abordados durante o festival são bastante atuais e refletem a realidade do país. As comediantes fazem piadas sobre questões políticas, sociais e culturais, mostrando como esses temas podem ser tratados de maneira leve e bem-humorada, sem perder a profundidade.

Uma das características mais marcantes do humor apresentado pelas comediantes é a capacidade de falar de assuntos sérios de maneira leve e descontraída. Elas conseguem abordar temas pesados como o racismo, o machismo e a violência doméstica de maneira inteligente e engraçada.

Outra técnica de humor muito utilizada pelas comediantes é a sátira. Elas usam esse recurso para criticar a sociedade e seus comportamentos equivocados. A sátira é uma forma de questionar o status quo e de incentivar as pessoas a pensarem de maneira mais crítica sobre o mundo ao seu redor.

O impacto do festival na sociedade se deve em grande parte à forma como as comediantes tratam os temas. Elas conseguem falar de questões sérias sem perder o tom de humor. Isso faz com que as pessoas se sintam mais à vontade para refletir sobre esses temas e para discuti-los de maneira mais aberta.

O festival das Mamacitas é um evento bastante diverso, tanto em relação aos temas abordados quanto em relação às comediantes participantes. Esse aspecto é fundamental para a construção de um humor mais inclusivo e para a promoção da diversidade no humor.

Uma das principais características do humor apresentado pelas comediantes é a capacidade de fazer rir sem ofender. Elas conseguem abordar temas delicados sem recorrer a piadas de mau gosto ou preconceituosas. Isso é fundamental para a construção de um humor mais consciente e responsável.

O impacto do festival na sociedade é evidenciado pela forma como ele é recebido pelo público. As apresentações são sempre muito bem-sucedidas e as comediantes são muito aplaudidas. Isso mostra que o humor pode ser uma ferramenta poderosa para a transformação social e para a promoção da igualdade de gênero.

Atualmente, o papel das mulheres no humor tem sido cada vez mais relevante e discutido na sociedade. No entanto, historicamente, as mulheres enfrentaram várias barreiras para terem suas vozes ouvidas no cenário humorístico. Isso se deve, em grande parte, às estruturas machistas e patriarcais que permeiam a indústria do entretenimento.

No passado, as mulheres eram retratadas como meras coadjuvantes ou eram reduzidas a estereótipos sexistas no humor. Isso se refletia tanto na televisão quanto no cinema e nos programas de rádio. Apenas nos últimos anos, com a luta feminista e a crescente demanda por uma maior representação das mulheres, é que o cenário começou a mudar.

O Festival das Mamacitas é um exemplo de como as mulheres estão ganhando espaço no humor. O festival, que tem como objetivo dar voz às mulheres comediantes e promover a diversidade, tem um perfil

predominantemente feminino, tanto entre as organizadoras quanto entre as participantes. Isso é um sinal de que as mulheres estão ocupando cada vez mais espaço no cenário humorístico.

Além disso, a presença das mulheres no Festival das Mamacitas tem um impacto significativo no cenário humorístico. As mulheres trazem novas perspectivas e abordagens para o humor, quebrando com os padrões tradicionais e ultrapassados. Elas também têm a oportunidade de contar suas próprias histórias e falar sobre questões importantes, como a igualdade de gênero e a diversidade.

Bruno de Castro Lino (2019) afirmam que a representação cômica da mulher na televisão brasileira, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, foi marcada por estereótipos que limitavam a atuação feminina no humor. Já Jennifer Jacomini de Jesus destaca em sua pesquisa sobre a mulher na palhaçaria que, apesar da presença feminina em outras áreas da comédia, a figura da palhaça ainda é pouco explorada (JESUS, 2017).

No entanto, mesmo com a crescente presença feminina no humor, ainda há muito a ser feito para combater o machismo e promover uma maior igualdade de oportunidades. As mulheres ainda enfrentam muitas barreiras para terem suas vozes ouvidas, tanto na indústria do entretenimento quanto na sociedade em geral.

É importante lembrar que as mulheres não são um grupo homogêneo e que há uma grande diversidade entre elas. No Festival das Mamacitas, por exemplo, há mulheres de diferentes etnias, classes sociais e orientações sexuais. Isso mostra que o humor pode ser uma ferramenta poderosa para promover a inclusão e a diversidade.

O papel das mulheres no humor também está relacionado à desconstrução de estereótipos de gênero. Ao se apresentarem no palco e fazerem piadas sobre temas considerados "masculinos", as mulheres estão quebrando com as expectativas sociais e ampliando o espectro do que é considerado humorístico.

No entanto, é importante destacar que a presença das mulheres no humor não deve ser vista como uma ameaça aos homens ou à masculinidade. Pelo contrário, a diversidade de vozes e perspectivas só enriquece o cenário humorístico.

O FESTIVAL COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA

O Festival das Mamacitas surge como um espaço de resistência e quebra de paradigmas em relação ao papel da mulher na sociedade e no humor. Diante de um cenário em que o humor ainda é majoritariamente dominado por homens, o festival se apresenta como uma forma de ampliar a representatividade feminina nesse campo.

Nesse sentido, o festival se coloca como um espaço de resistência, uma vez que a lógica dominante da indústria cultural ainda impõe rígidos padrões de comportamento para as mulheres e limita sua participação em áreas consideradas predominantemente masculinas.

A presença feminina no festival é fundamental para questionar essas estruturas e para desconstruir estereótipos de gênero presentes no humor. Ao trazer mulheres para o centro do palco, o festival contribui para a construção de uma sociedade mais igualitária e mais consciente dos seus padrões discriminatórios.

Ao mesmo tempo em que o festival é um espaço de resistência, ele também representa uma forma de quebra de paradigmas no que se refere ao papel da mulher no humor. Por muito tempo, a participação feminina no humor foi limitada a papéis secundários ou estereotipados, como a mulher assexuada ou a dona de casa.

O Festival das Mamacitas, por outro lado, traz mulheres para o centro do palco e as coloca como protagonistas das suas próprias histórias. O humor apresentado no festival é, muitas vezes, subversivo e desafiador, o que contribui para ampliar as possibilidades de atuação para as mulheres no campo do humor.

Nesse sentido, o festival se apresenta como um agente de mudança na sociedade, uma vez que sua presença e sua mensagem contribuem para a desconstrução de estereótipos de gênero e para a ampliação das possibilidades de atuação para as mulheres.

O impacto do festival na sociedade é significativo, uma vez que ele questiona as estruturas de poder presentes no humor e na sociedade como um todo. Ao apresentar mulheres como protagonistas e ao ampliar a

representatividade feminina no humor, o festival contribui para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva.

Marina Costa Degani (2018) analisaram a presença de estereótipos de gênero no stand-up comedy brasileiro. As autoras destacam que as mulheres no stand-up são frequentemente retratadas como hipersexualizadas ou como “esposas irritadas”, o que limita a atuação feminina no humor.

O Festival das Mamacitas, portanto, é uma oportunidade importante para as mulheres mostrarem suas habilidades e quebrarem barreiras de gênero na comédia. Segundo reportagem de Pusiol (2018), o evento promove a inclusão e a diversidade, e tem como objetivo ampliar as vozes femininas no humor. Seragusa (2018) destaca que o festival é uma forma de resistência e de combate ao machismo e à misoginia presentes no meio artístico.

Além disso, o festival se apresenta como um espaço de criação e experimentação para as mulheres no campo do humor. Ele permite que elas testem novas técnicas e abordagens, o que contribui para a renovação do humor e para o surgimento de novas vozes no campo.

Por fim, o Festival das Mamacitas é um exemplo de diversidade no humor. Ele traz para o palco mulheres de diferentes idades, origens e orientações sexuais, o que contribui para a construção de um humor mais inclusivo e mais representativo da diversidade presente na sociedade.

Nesse sentido, o festival se apresenta como uma forma de ampliar as possibilidades de atuação para as mulheres no campo do humor e como um agente de mudança na sociedade, o que o torna um espaço fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e mais igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, foi possível observar que o Festival das Mamacitas se apresenta como uma importante plataforma para a promoção do humor e da desconstrução de estereótipos de gênero na sociedade. Através da análise do conteúdo apresentado no festival, foi possível identificar a presença de temas relevantes e atuais, que foram abordados através de técnicas de humor variadas e eficazes.

Um dos resultados mais significativos desta pesquisa foi a constatação do papel das mulheres no humor, tanto em termos históricos quanto no cenário atual. Foi possível perceber que a presença feminina no festival e a sua representatividade contribuem para a quebra de paradigmas e para a construção de um humor mais inclusivo e diverso.

Além disso, esta pesquisa também destacou a importância do humor como ferramenta de transformação social e como instrumento de combate à desigualdade de gênero. Através da análise do impacto do festival na sociedade, foi possível perceber que o evento tem gerado mudanças significativas no modo como o humor é percebido e utilizado como meio de comunicação.

Outro aspecto relevante desta pesquisa foi a análise da cobertura jornalística do festival, que se apresentou como um importante meio de divulgação do evento e de suas mensagens. Foi possível observar que os veículos de comunicação têm se mostrado sensíveis à importância do festival e têm contribuído para a sua promoção e disseminação.

No entanto, esta pesquisa também apontou algumas limitações e desafios para o festival e para o humor como um todo. Foi possível identificar a necessidade de uma maior representatividade de grupos e comunidades marginalizadas e a importância de se criar espaços de diálogo e reflexão sobre a diversidade no humor.

Diante desse cenário, sugere-se que futuras pesquisas se dediquem a investigar mais profundamente essas questões, a fim de ampliar a compreensão sobre o papel do humor na promoção da igualdade de gênero e na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Por fim, pode-se concluir que o Festival das Mamacitas se apresenta como um importante espaço de resistência e de promoção do humor como ferramenta de transformação social. Sua relevância no cenário humorístico e sua capacidade de gerar mudanças significativas na sociedade o tornam um objeto de estudo importante para a área do jornalismo e para as ciências sociais em geral.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ludmila Pereira de; REZENDE, Tânia Ferreira. Mulheres negras no stand-up e suas táticas de linguagem na feitura de liberdades. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 23, n. 2, p. 217-233, 2022.

DEGANI, Marina Costa. *A (des) graça do humor*: humor e gênero no stand up comedy brasileiro a partir da análise do discurso. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

JERÓNIMO, Nuno Amaral. *Humor na sociedade contemporânea*. 2015. 256f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2015.

JESUS, Jennifer Jacomini de. A mulher na palhaçaria. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11, 13., Florianópolis, 2017. *Anais eletrônicos* […]. Florianópolis: UFSC, 2017.

LINO, Bruno de Castro. *A estereotipagem na representação cômica* – a mulher no humor da TV Globo de 1970 a 1981. 2019. Dissertação (Mestrado em comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

PUSIOL, Camila. Festival Mamacitas de humor promove o trabalho de mulheres na comédia. *Veja*, 25 out. 2018. Disponível em: https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/mamacitas-festival-humor-mulheres/. Acesso em: 15 maio 2023.

SECHINATO, Juliana Spagnol. *Se eu estou com o microfone, eu estou com o poder?* Humor produzido por mulheres em performance ao vivo. 2021. Disertação (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

SERAGUSA, Fabiana. Festival de stand-up só com mulheres reúne mais de 60 humoristas em São Paulo. *Culturice*, 2 nov. 2018. Disponível em: https://culturice.com.br/2018/11/02/festival-de-stand-up-so-com-mulheres-reune-mais-de-60-humoristas-em-sao-paulo/. Acesso em: 15 maio 2023.

6. HUMOR E RELIGIÃO, PODE OU NÃO: JONATHAN NEMER E A CRÍTICA AOS EVANGÉLICOS

Giovanna Macedo Oliveira[9]

Resumo

Este é um estudo de caso que analisa a relação entre o humor crítico contemporâneo e a religião por meio do trabalho de Jonathan Nemer, um humorista cristão. A metodologia utilizada consiste em revisão bibliográfica, notícias de portais jornalísticos e vídeos de humor do objeto estudado, de modo a explorar o contexto histórico do embate entre cristianismo e humor, além de analisar a forma de Nemer fazer comédia por meio do vídeo "Polishop da fé" e do stand-up "O pior ano da minha vida". Como resultado, constata-se o poder de influência que o humor tem para desenjaular pessoas presas pelos dogmas religiosos, formando nelas um pensamento crítico para, assim, buscarem o verdadeiro cristianismo.

Palavras-chave: humor; religião; Jonathan Nemer; crítica; evangélicos.

INTRODUÇÃO

O humor é uma linguagem que provoca reações antagônicas, como o riso, causado pela identificação com a piada, ou a raiva, provocada pela ofensa a quem ouviu. Como afirma Luigi Pirandello (1996), o cômico se dá na observação daquilo que é contraditório, algo que foge ao ideal para a sociedade, e depois, ao refletir sobre a contradição, esse acontecimento se torna humorístico. Portanto, o humor, ao mesmo tempo em que desperta risadas, também gera reflexão e crítica ao tema abordado.

Presente na sociedade como forma de entretenimento, o humor – algo engraçado e irreverente – não costuma ser associado ao ambiente religioso – sério e rígido para o senso comum. Assim, este artigo pretende mostrar o rompimento da barreira entre o sério e o engraçado para entender a relação entre humor e religião, especificamente a cristã evangélica, em seu aspecto

[9] Estudante do 8º semestre do curso Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Anhembi Morumbi (UAM). E-mail: oliveiragiovannam@gmail.com.

social, cultural e como estímulo à fé, gerando crítica a práticas rigorosas da religião, ao mesmo tempo em que libera a leveza do entretenimento e a espiritualidade da fé ao público. A escolha do tema se deu pela importância de inserir essa minoria no humor – os religiosos –, abrindo espaço para que estes formem um pensamento crítico sobre o próprio ambiente em que vivem.

Nisso, este estudo tem como objeto o humorista brasileiro e cristão Jonathan Nemer, conhecido no meio evangélico, que nas redes e nos shows de comédia promove entretenimento a partir de temas comuns do ambiente cristão, usando seu conteúdo para gerar, além de risadas, reflexão nos espectadores, e consequentemente, fazendo crítica a aspectos da religião. Também, o humorista aborda a fé, expressando no que acredita como evangélico e promovendo alívio, encorajamento ou exortação ao público, como no ambiente da igreja.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é a análise de vídeos e conteúdos das mídias sociais, assim como matérias jornalísticas e revisão bibliográfica. Desse modo, o artigo segue uma ordem: apresentar o contexto histórico da relação entre o cristianismo e o ato de rir, discutir sobre o objeto da pesquisa e analisar o humor promovido por ele, e concluir o estudo ao questionar a validade em misturar fé e comédia.

Espera-se contribuir com o estudo sobre humor e religião, a fim de desmistificar a má relação entre as partes e promover a importância de estudar o tema no jornalismo, no que se refere a formar no público um raciocínio crítico com o humor, envolvendo a prática religiosa.

CRISTIANISMO E O RISO: CONTEXTO HISTÓRICO

A religião cristã, composta por católicos e evangélicos, é a que predomina entre os brasileiros (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2012). Desde a constituição do País, o cristianismo está presente como forma de educação, estilo de vida e conexão com o divino. Ao relacioná-lo com humor, na história geral vemos a perseguição ao riso por parte da Igreja, ainda mais quando este obteve valor crítico às próprias práticas religiosas. Como descrito pelo historiador francês George Minois (2003), na visão da Igreja Católica, instituição religiosa dominante durante a Idade Média, o ato de rir

profanava a autoridade do clero e o próprio Deus, associando-o diretamente ao vulgar, principalmente devido às festas de carnaval.

Desde a Idade Média até hoje, no século XXI, o riso, demonizado pela religião, acabou se fortalecendo como elemento propulsor de contestação, com base no pensamento moderno, tornando-se “instrumento intelectual da crítica, destruidor e a serviço da razão” (MINOIS, 2003, p. 363). Na contemporaneidade, a denominada sociedade humorística, sobretudo a brasileira (SALIBA, 2002), continua usando o riso para quebrar tabus, ainda mais os observados nos modos de atuação do cristianismo.

Segundo Minois (2003), o humor é uma chave que abre as gaiolas do dogmatismo religioso, libertando o pensamento dos indivíduos para ampliar sua visão de mundo, expondo-os à realidade que muitas vezes é maquiada pela religiosidade. Também, seguindo a teoria de Bergson (2004), em seu ensaio sobre o riso, a rigidez da religião é flexibilizada pelo humor. Desse modo, o humor contemporâneo é visto como aquilo que desafia aspectos contraditórios de instituições, que, descobertos pelo poder do riso, leva a sociedade ingênua a outro patamar: o da reflexão e, consequentemente, da mudança de um comportamento engessado.

Diante dessa premissa, analisa-se a crítica a aspectos do cristianismo feita pelo humor de hoje, principalmente a denominação evangélica, por meio da comédia de Jonathan Nemer, humorista cristão, em dois formatos: vídeo no YouTube e stand-up.

JONATHAN NEMER: DO YOUTUBE AOS PALCOS

O YouTube revolucionou o compartilhamento de vídeos na internet, representado pela cultura participativa em que os próprios usuários geram o conteúdo e criam uma comunidade contemporânea, de acordo com a teoria da Cultura da Convergência (JENKINS, 2006). O humorismo é um dos nichos que se lançou à plataforma e encontrou nela um público interessado em entretenimento, mas também receptivo às críticas por trás do riso provocado pelos vídeos engraçados. Diante desse contexto, surge Jonathan Nemer, que além de fazer humor, o faz sobre a religião.

Jonathan Nemer é um humorista residente em Marília, interior de São Paulo. Sua carreira no humor começou em 2010, quando ainda atuava no Direito, como advogado civil e trabalhista, ao publicar vídeos com piadas e paródias em seu canal pessoal do YouTube (JONATHAN…, 2020). Em 2013, criou o canal *Desconfinados*, junto com seu amigo produtor Thiago Baldo, hoje com cerca de um bilhão de visualizações (YOUTUBE, 2023).

Declaradamente evangélico, Jonathan é membro de uma pequena igreja local, Comunidade Ágape, em Marília, e foi criado em lar cristão. No podcast de Karina Bacchi (POSITIVAMENTE…, 2022), apresentadora cristã, o humorista conta que seu pai, libanês ortodoxo, participava com sua mãe na igreja Congregação, e depois junto com a família congregou na Assembleia. O advogado humorista ficou bastante conhecido no meio cristão após seu trabalho ganhar projeção nacional, principalmente por meio dos vídeos no YouTube, o qual surgiu para aproximar o público religioso, afastado pela comédia convencional apelativa. No início, Jonathan conta que produzia conteúdo para seus conhecidos, mas depois viu seu alcance dobrar, impacto descrito no conceito de Manuel Castells (2013), no qual uma informação na sociedade em rede passa a ter alcance global e influencia na tomada de decisões.

Seus vídeos, e hoje stand-ups, são conhecidos por serem livres de censura, um humor feito sem palavrões, “podendo toda a família assistir sem preocupação” (JONATHAN…, 2020). Mantendo um linguajar cristão, no programa “Agora com Lacombe”, da RedeTV (PERFIL…, 2022), quando questionado quanto à escolha dos temas, disse que essa decisão parte do pressuposto do que falaria em ambiente familiar e da sua vivência: “Não tem tema proibido, mas é o jeito que você [o] aborda. […] tenho liberdade para fazer piadas dentro do meu universo... não vou fazer piada com negro, senão vou ser racista, ou com gay”.

No desafio em criar vídeos de humor para aproximar o público cristão, Nemer diz que seu conteúdo não é para ferir o público, mas sua “intenção é fazer rir, e, se puder, fazer refletir” (PERFIL…, 2022), citando a repercussão das publicações do canal Porta dos Fundos, que segundo ele acabam agredindo os espectadores com sua linguagem apelativa, por exemplo no especial de Natal de 2019, criticado pela comunidade evangélica, em que Jesus é um personagem gay. Desse modo, quanto à crítica religiosa presente em seus conteúdos, o

humorista afirma: “Não faço piada com Deus, mas com a gente, os filhos de Deus, o povo de Deus [...] que muitas vezes a gente é hipócrita, a gente dita um comportamento, mas faz outro” (PERFIL…, 2022). Diante disso, Jonathan adota a ética cristã para montar seus roteiros, ao mesmo tempo em que se vê em liberdade para falar sobre o que julga importante naquele contexto.

O estilo de vídeos do humorista, na época do *Desconfinados*, era abordar temas religiosos ou não de forma sarcástica e leve, divertindo o público ao mesmo tempo em que abria espaço para gerar reflexão. Em alguns, Nemer fazia paródias de músicas seculares com tema religioso, como o “Culto da Assembleia/Baile de Favela”[10], além de sátiras de comercial, conteúdos sobre relacionamento e coisas do cotidiano.

Hoje, Jonathan atua fortemente em stand-up, conhecido no Brasil inteiro e no campo internacional. Esse estilo de comédia, diferente do que é feito no YouTube, parte de uma apresentação em pé, na tradução literal do nome, para uma plateia sentada, em que o comediante fala ao público de modo mais informal, contando histórias do seu cotidiano em forma de piadas, sendo estas já roteirizadas previamente ou improvisadas no momento do show.

Por ser declaradamente cristão, grande parte de seus espectadores denominam-se evangélicos, o que gera aproximação maior com seu público. Sua abordagem envolve piadas ensaiadas e escritas por ele mesmo, improvisos com o público, levando pessoas ao palco para interagir com elas, e, como característica única, discursos sensíveis e religiosos, em que o humorista passa a imagem de um pregador cristão. No Positivamente (2022), Jonathan conta de um episódio que aconteceu quando era criança, na igreja que congregava, em que uma mulher disse, pela parte de Deus, que o agora humorista iria pregar o evangelho pelo mundo inteiro: “eu me imaginava de terno e gravata, eu rodando e o povo caindo. Quando fui ver, Deus já estava fazendo isso na minha vida, mas não do jeito que eu imaginava, mas por meio de um stand-up... quem diria!”.

Com essa transposição entre piadas e expressão de fé, Jonathan une duas esferas que na opinião pública não combinam entre si, falando também sobre assuntos políticos e sociais, dependendo do contexto atual do show. Nisso, este artigo visa analisar duas produções de Jonathan Nemer, que refletem sua

[10] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w6jZ7S2Wx-I. Acesso em: 21 maio 2023.

carreira e modo de fazer humor. A primeira, um vídeo do seu canal *Desconfinados*, é uma forte crítica ao comércio da fé, denunciando igrejas neopentecostais e sua maneira de barganha com os fiéis. A segunda, seu show de stand-up produzido em época de covid, *O pior ano da minha vida*, aborda o tempo de pandemia com piadas, incluindo a situação ruim pela qual sua família passou por conta do vírus.

POLISHOP DA FÉ: CRÍTICA AO COMÉRCIO DA RELIGIÃO

Um pastor de terno e gravata, na sua emissora de televisão, com uma mesa contendo três itens, abre seu programa vendendo um sabonete com suposta origem de Israel, a Terra Santa para os cristãos, por “apenas” R$ 27, 90 a unidade, afirmando que o produto limpa o corpo, a alma e tira o olho gordo. Assim começa o vídeo de Jonathan Nemer, no canal *Desconfinados*, em que ele mesmo personifica o comerciante da fé.

Em Polishop da fé, publicado em 2014, no início do canal, o humorista trazia como tema de comédia o contexto religioso no qual algumas igrejas brasileiras, as chamadas neopentecostais, estavam inseridas, e ainda continuam após nove anos do surgimento do vídeo. Esse cenário nos remete ao caso específico do apóstolo Valdemiro Santiago, da Igreja Mundial do Poder de Deus, conhecida pelos testemunhos de milagres transmitidos no canal de televisão. O líder, seguindo a vertente neopentecostal da sua antiga denominação, Igreja Universal, do pastor Edir Macedo, vendia fronhas ungidas, óleo ungido de Israel e chegou até a lançar uma linha de perfumes, afirmando o benefício em via de mão dupla: a cura ou prosperidade dos fiéis e recursos para manter o templo e o canal (FELTRIN, 2019).

Ao longo do vídeo, Jonathan problematiza o comércio da fé, em que líderes religiosos usam de seu poder de influência com o de Deus a fim de ajuntar “tesouros na terra”. Aludindo ao produto vendido pelo apóstolo neopentecostal, o personagem do vídeo vende a “fronha dos sonhos” (Figura 1), que serve para ter os sonhos de Deus, mas afirmando que só funciona se o comprador tiver fé, levando o fiel a questionar a qualidade de sua conexão com o divino baseada na funcionalidade ou não de um objeto místico: “Mas pastor, se eu comprar essa fronha vou sonhar mesmo os sonhos de Deus? Depende, meu irmão. Depende

da sua fé. Se você comprar e não sonhar, é porque não tem fé... Então compra e faz o teste” (POLISHOP…, 2014).

Figura 1 – No vídeo humorístico, pastor neopentecostal vende a “fronha dos sonhos”, em que o usuário do produto sonha os planos de Deus para sua vida caso tenha fé.

Fonte: Polishop…, 2014.

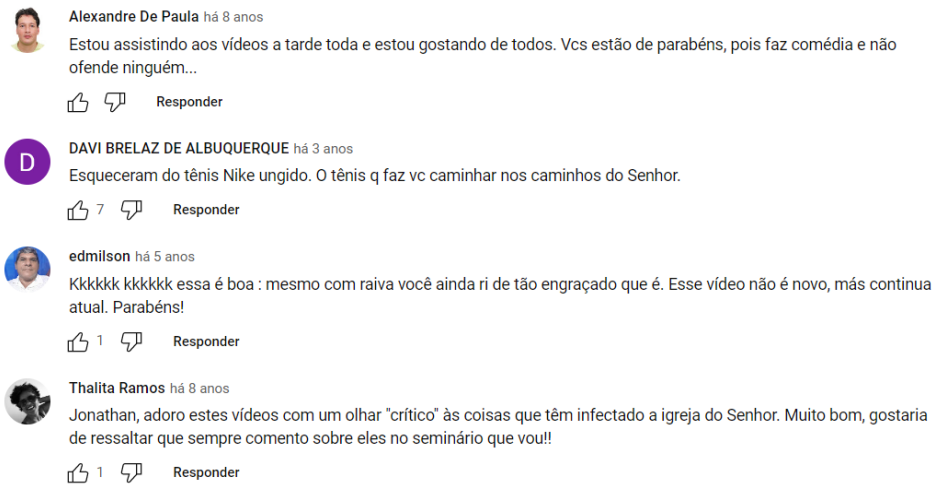
O pastor que apresenta o programa oferece o último produto: a toalha ungida com seu suor, justificando que o fluido corporal na simples toalha seria como um óleo ungido para dispensar remédios e curar dores, como dor no joelho, de garganta e hemorroidas, bastasse esfregar na pele. “Só 149 reais, e pode usar seis vezes, seis aplicações”, brinca o humorista e expõe o preço exorbitante que os mercadores da fé colocam sobre objetos simples, como os tijolos de plástico vendidos a R$ 200,00 pelo apóstolo da Igreja Mundial do Poder de Deus para ajudar a obra (FELTRIN, 2019). Além dessa cena, o vídeo expõe a realidade dos “shows da fé” — muito milagre, mas pouca palavra –, quando Jonathan interpreta o pastor citando um pequeno versículo da bíblia, por causa do pouco tempo que resta para terminar o programa: “Jesus chorou” (João 11:35).

O *Desconfinados*, conhecido pelo encerramento chocante de todas as produções, promove a grande reflexão cristã e social ao final do vídeo: após o anúncio de uma “superpromoção” de dez sabonetes de Israel com direito à prosperidade repentina e uma cura, um personagem caracterizado como o Jesus bíblico aparece no programa e derruba a mesa que continha o catálogo de

produtos, aludindo à passagem em que o filho de Deus entra no templo e diz “tirai daqui estes e não façais da casa de meu Pai casa de vendas” (João 2:16). Este desmascara o pastor do vídeo, mandando-o parar de fingir um sotaque carioca (característica estereotipada dos líderes neopentecostais) e revelando que o sabonete de “Israel”, vendido aproximadamente a R$ 28,00 é, na verdade, o clássico e popular Francis.

Por meio do seu vídeo, Nemer faz o espectador rir e, ao mesmo tempo, se identificar com o conteúdo, sem ofender, gerando comentários que expressam reflexão, quebra de paradigmas e necessidade de mudança (Figura 2). Dessa forma é aplicado o conceito de Pirandello (1996), no qual o observador vê um comportamento contraditório, nesse caso a corrupção e o engano em um ambiente sagrado (a igreja), e ao refletir sobre o que seria ideal – a palavra de Deus sendo pregada no programa, ao invés do foco no comércio – se desata a rir.

Figura 2 – Comentários no vídeo “Polishop da fé”.



Fonte: Polishop…, 2014.

O PIOR ANO DA MINHA VIDA: HUMOR E ESTÍMULO À FÉ

O humorista, após produzir muitos vídeos no YouTube, passou a fazer shows de comédia pelo Brasil e internacionalmente. Em 2021, lançou um novo

stand-up, “O pior ano da minha vida”, que, segundo a descrição antes disponível no site[11] para compra do ingresso do show on-line, se tratava da época da covid.

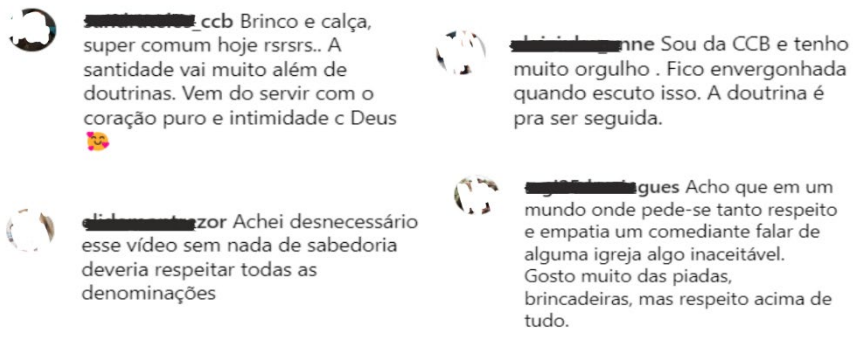
O stand-up abre com um vídeo encenado de Nemer andando por um deserto, e ao fundo uma narração: “Todo mundo vive anos bons e anos ruins. Mas tem ano que é tipo um deserto, e esse para mim foi um deles. E que deserto! Com vocês, o pior ano da minha vida”[12]. Ao entrar pelo palco, Jonathan inicia seu roteiro: piadas com máscaras, álcool em gel, igreja e até política.

Nos temas mais simples, o humorista encontra um jeito de fazer o público refletir, como, ao abordar uma mulher da Congregação Cristã do Brasil, conhecida por ser uma denominação rigorosa, pergunta se está de saia ou calça. Quando vê que é a segunda opção, ele diz: “tá muito desviada... e de brinco! Tá assim com Satanás. Vai pro inferno de tobogã já”[13], arrancando risadas da plateia, enquanto critica o dogma religioso que diz ser pecado usar calça ou cosméticos, aludindo à masculinidade e vaidade, respectivamente. Por meio disso, o humor é usado para quebrar a gaiola da religiosidade (MINOIS, 2003), mas desperta incômodo àqueles que, ao contrário dos seres necessitados por dinamismo (BERGSON, 2004), permanecem na rigidez e não se deixam ser atingidos pelo pensamento crítico, adotando-o como desrespeito ao sagrado e intolerância religiosa, como observado nos comentários ao corte do show disponível no perfil do Instagram de Nemer (Figura 3).

---

[11] O stand-up foi gravado e vendido para assistir on-line, pelo site do Sympla, ficando disponível de 7 a 16 de abril de 2023 na plataforma.
[12] Disponível em: https://www.instagram.com/p/CqgpoymjipC/. Acesso em: 21 maio 2023.
[13] Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cq82bz7uxiQ/. Acesso em: 21 maio. 2023.

Figura 3 – Seleção de comentários negativos à piada do vídeo em contraste com um positivo[14].



Ainda, envolvendo temas polêmicos de ética e política, Nemer ilustra o dia que foi passar álcool em gel, no início da pandemia, e este era de aparência gosmenta. Nisso, ele diz que por ser artista, não pode dar sua opinião, porque o chamariam de “álcool em gel fóbico”, denotando um sentido de crítica a não liberdade de expressão, tema recorrente nos meios políticos[15].

Com um público majoritariamente de direita, o humorista, ao brincar com os espectadores, não deixa passar a oportunidade de falar sobre as eleições de 2022, em que disputaram pela presidência Jair Messias Bolsonaro e Luíz Inácio Lula da Silva. Nemer começa a piada problematizando o período em que as máscaras descartáveis encareceram, e, como solução, o presidente da época, Bolsonaro, liberou o uso de máscaras caseiras. Imitando a voz dos dois candidatos, para “agradar os dois lados”, percebe que grande parte de seu público não é apoiador de Lula: “Calma, gente! É o Jonathan, sou eu! Não, o outro pegou a arma, Ô!”[16], brincando com as características e reforçando os estereótipos dos dois.

Ao abordar temas políticos, como um cristão, Nemer se desafia em um território que, na opinião pública, não é compatível: “política e religião não combinam”. No entanto, por meio do humor, o artista usa a compatibilidade do viés político da maioria de seus espectadores para criar um ambiente mais leve

[14] O material foi organizado pela autora a partir de mensagens disponíveis no Instagram.
[15] Disponível em: https://www.instagram.com/p/CqnQcGjjT9c/. Acesso em: 21 maio. 2013.
[16] Disponível em: https://www.instagram.com/p/CqjElu7jY_L/. Acesso em: 21 maio. 2013.

e aberto à risada, ao mesmo tempo em que destaca aspectos polêmicos dos dois polos: violência e corrupção.

Depois de múltiplas piadas sobre a pandemia, Jonathan dá uma reviravolta em seu show ao falar sobre o pior ano da sua vida, o tema do stand-up. Conta a história do sofrimento que sua família passou após ter a mãe, Sara Nemer, internada mais de 200 dias por complicações devido ao coronavírus. Testemunha a luta de Sara, envolvendo episódios de oração na frente do hospital, culto e mobilização pelas redes para que sua mãe fosse curada. Ao final do show, o antes humorista se torna um pregador: “Vocês vieram para um show de humor para rir, mas vão sair daqui encorajados”. Após o testemunho de milagre, o filho chama a mãe ao palco e a homenageia, fazendo a plateia aplaudir e se emocionar. O stand-up que antes era para fazer rir, tornou-se notícia em portais, como o *G1*, como referência a um ajuntamento de pessoas de fé celebrando alguém que lutou e venceu uma doença (HUMORISTA…, 2022). No término, o humorista cristão convida todos a orar e acreditar que Deus pode realizar milagres.

Nisto vem o contraponto: é correto usar o humor na religião? É aceitável brincar com o sagrado? Até onde vai o limite do fazer rir e estimular a fé a partir do humor?

CONSIDERAÇÕES: HUMOR E RELIGIÃO, PODE OU NÃO?

Este artigo discorreu sobre o embate entre humor e religião, visto desde a Idade Média, quando o ato de rir era demonizado pela Igreja por ser entendido como uma forma de profanar o divino, devido seu caráter irônico e provocador. Nisso, também se analisou o modo como o humor, influenciado pelo pensamento moderno, foi usado como um instrumento para mudar opiniões e abrir possíveis gaiolas nas quais pessoas foram enclausuradas por meio de instituições religiosas e seus dogmas (MINOIS, 2003).

Destacou-se que, hoje, o humor crítico permanece como elemento contestador, especialmente no meio religioso, apontando o caso de Jonathan Nemer, um humorista cristão que por meio de seus vídeos e shows de comédia faz o público refletir sobre aspectos contraditórios no ambiente evangélico, além

de levar sua plateia para mais perto do que acredita ser o verdadeiro cristianismo.

Observou-se que o humorista quebra conceitos e paradigmas sobre não poder brincar com o sagrado, mesmo que gere críticas a ele, como foi analisado a partir dos comentários nos cortes de seu show no Instagram, já que para Nemer não há problema em fazer piada com os “servos de Deus” no objetivo de expor a realidade hipócrita e contraditória, na qual os “irmãos” ditam um comportamento, mas praticam outro, seguindo o famoso ditado “faça o que eu digo, mas não faça o que faço”.

Ao falar sobre “fazer refletir sem agredir”, Jonathan usa a comédia para entreter e causar impacto na opinião do público; no entanto, ele não se desvincula da função contemporânea do humor, que é quebrar tabus de forma inteligente, de modo que algumas pessoas não o aceitam e continuam rígidos em seu modo de pensar (BERGSON, 2004). Ao mesmo tempo, o humor de Nemer, como no vídeo “Polishop da Fé”, gera inquietação e inconformismo positivo nos espectadores, dando a perspectiva de mudança social a partir do meio religioso.

Quanto à cobertura jornalística sobre o objeto estudado, observou-se que esta é escassa, de modo que foram encontrados apenas anúncios de novos shows do humorista nos portais, apesar de uma notícia chamar a atenção: a que informava sobre a homenagem feita à mãe de Jonathan no show de comédia, com testemunho de milagre e oração, apresentando o lado emocionante e religioso do stand-up de Nemer. Com isso, pode-se inferir que a mídia apresenta pouco interesse em cobrir esse tipo de humor, que mistura piada e fé, o que gera a oportunidade de representar esse formato e, assim, contribuir não só para divulgação de entretenimento, mas também uma ferramenta em potencial para formar pensamento crítico nos fiéis quanto às práticas religiosas que vão contra o próprio cristianismo.

Por fim, conclui-se que este é um tema recorrente nas narrativas e de grande relevância, mas pouco explorado, ainda mais no jornalismo. Desse modo, é importante levar em consideração que, como gênero comédia, o humor não é apenas uma forma de entreter (fuga), mas também de gerar indivíduos críticos (reflexão), nesse caso dentro da instituição religiosa, uma relevante camada da sociedade, libertando-os das jaulas de desinformação, e, muitas

vezes, do autoritarismo. Como dizem Ferraz et al. (2016, p. 13), em *Teologia do Riso*:

> O riso e o humor não são somente fugas, mas são formas de constituir uma visão de mundo, de concepção da divindade e da própria fé, lembrando que, muitas vezes, só os que riem são capazes de produzir a revolução e imaginar mundos novos. Este pode ser um dos motivos para que as tradições acolham e cultivem o humor, para que possam preservar pedagogias que as transformem e que as façam sair de seus sedentarismos autoritários.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. *O riso*: ensaio sobre a significação da comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BÍBLIA Sagrada. N.T. *João 11:35*. Tradução Almeida Revista e Corrigida. Disponível em: https://www.bible.com/pt/bible/212/jhn.11.35. Acesso em: 21 maio 2023.

BÍBLIA Sagrada. N.T. *João 2:16*. Tradução Almeida Revista e Corrigida. Disponível em: https://www.bible.com/pt/bible/212/JHN.2.16.ARC. Acesso em: 21 maio 2023.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz & Terra, 2013.

FELTRIN, Ricardo. Na TV, pastor pede “doações emergenciais” e lança perfume próprio. *Uol*, São Paulo, 26 ago. 2019. Disponível em: https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2019/08/26/na-tv-pastor-pede-doacoes-emergenciais-e-lanca-perfume-proprio.htm. Acesso em: 11 abr. 2023.

FERRAZ, Salma et al. Teologia do riso: humor e mau humor na bíblia e no cristianismo. *In*: FERRAZ, Salma *et al*. (Orgs.). *Introdução*. Campina Grande: EDUEPB, 2016. 13p.

HUMORISTA Jonathan Nemer homenageia mãe em show no interior de SP após luta contra covid. *G1*, Marília, 3 jun. 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2022/06/03/humorista-jonathan-nemer-homenageia-mae-em-show-no-interior-de-sp-apos-luta-contra-covid.ghtml. Acesso em: 11 abr. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2010*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia. Acesso em: 9 maio 2023.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2006.

JONATHAN Nemer. Release, 2020. Disponível em: https://www.jonathannemer.com.br/. Acesso em: 11 abr. 2023.

MINOIS, George. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Unesp, 2003.

PERFIL: Jonathan Nemer. Agora com Lacombe. São Paulo: Rede TV, 26 jul. 2022. 1 vídeo (47 min). Publicado pelo canal RedeTV. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eOONGUbvyoM. Acesso em: 9 maio 2023.

PIRANDELLO, Luigi. *O humorismo*. Trad. Davi Macedo. São Paulo: Experimento, 1996.

POLISHOP da fé – Desconfinados. [*S. l.*: *s.n.*], 3 fev. 2014. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Desconfinados. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KrqAvvN1TWA&list=PLFnShjdeL8SVL4NwNjOpVIP3AErH6JeQ9&index=22. Acesso em: 9 maio 2023.

POSITIVAMENTE com Jonathan Nemer. São Paulo: HUB Mídia, 19 jul. 2022. 1 vídeo (130 min). Publicado pelo canal Positivamente. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1K0PAFPF2Us&t=2601s. Acesso em: 21 maio 2023.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso*: a representação humorística na história brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

YOUTUBE. Canal Desconfinados. Sobre. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/@desconfinados/about. Acesso em: 10 maio 2023.

7. ESPECIAL MULTIMÍDIA: RISADAS NECESSÁRIAS

Todos estes artigos produzidos individualmente contribuíram para se pensar no produto final. O especial multimídia “Risadas necessárias: o papel do stand-up no questionamento de temas sociais” pode ser acessado no link: https://www.risadasnecessarias.com.br/.